



Arautos do Evangelho

Usos e Costumes - III - Cerimonial dos acólitos e dos demais fiéis leigos

ARAUTOS DO EVANGELHO

Usos e Costumes - III

CERIMONIAL DOS ACÓLITOS E DOS DEMAIS FIÉIS LEIGOS

ISBN 978-85-66894-05-6



9 788566 894066



USOS E COSTUMES - III
CERIMONIAL DOS ACÓLITOS
E DOS DEMAIS FIÉIS LEIGOS

Declaração: A presente coletânea de costumes para uso de fiéis leigos, na Santa Missa, preparada pela Associação Privada Internacional de Fiéis de Direito Pontifício *Arautos do Evangelho*, não tem, por si mesma, nenhum valor normativo litúrgico, pois isto só cabe aos textos oficiais do Magistério eclesiástico e às determinações das Conferências Episcopais, às quais nos submetemos com amor e religioso obséquio, segundo as prescrições canônicas.

Obras consultadas:

ACTA CONSILIORUM: Pontificium Consilium de Legum Textibus Interpretandis. *Acta Apostolicæ Sedis*, Città del Vaticano, Typis Polyglottis Vaticanis, 1994, v. 86, p. 541-542.

CEREMONIAL DE LOS OBISPOS: Renovado según los decretos del Sacrosanto Concilio Vaticano II y promulgado por la autoridad del Papa Juan Pablo II. Bogotá: CELAM; DEL, 1991.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO: Promulgado por João Paulo II. 8 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

INSTITUTIO GENERALIS Missalis Romani. In: *Missale Romanum*: Ex decreto sacrosancti Œcumenici Concilii Vaticani II instauratum, auctoritate Pauli PP. VI promulgatum, Ioannis Pauli PP. II cura recognitum. 3a ed. typ. Vaticanus: Typis Vaticanis, 2007.

PONTIFICAL ROMANO: renovado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II, promulgado por autoridade do Papa Paulo VI e, em parte, renovado pelo Papa João Paulo II. Trad. CNBB. São Paulo: Paulus, 2000.

Ficha técnica:

1ª edição / Janeiro de 2015

Organizador: Pe. Santiago Morazzani Arráiz, EP

Colaborador: Pe. Felipe Isaac Paschoal Rocha, EP

Capa: Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, em Solene Celebração Eucarística na Basílica Menor de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras - SP

Ilustrações: Equipe fotográfica dos Arautos do Evangelho

Instituto Lumen Sapientiæ

© Copyright 2015 – Instituto Lumen Sapientiæ

Rua Dom Domingos de Silos, nº 238 – sala 11

02526-030 - São Paulo - SP

Tel: (11) 4419-2311 / E-mail: lumen.sapientiae@arautos.com.br

ARAUTOS DO EVANGELHO

USOS E COSTUMES - III

*CERIMONIAL DOS ACÓLITOS
E DOS DEMAIS FIÉIS LEIGOS*



*São Paulo
Instituto Lumen Sapientiæ
2015*

Impressão gráfica: Edições Loyola / Tel: (11) 3385-8500

ÍNDICE



ACÓLITOS..... 6



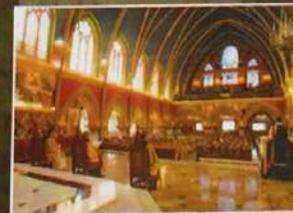
TURIFERÁRIO E NAVETÁRIO 70



CRUCIFERÁRIO, CEROFERÁRIO
BACULÍFERO E MITRÍFERO..... 86



LEITORES E SALMISTA 96



ATTITUDE DOS FIÉIS 102



NOÇÕES BÁSICAS DE LITURGIA..... 110

ACÓLITOS



ACÓLITOS

a) Normas gerais

1. Quando na celebração da Santa Missa houver a participação de mais de um acólito,¹ geralmente podem ser dois ou quatro, conforme as circunstâncias.
2. Em caso de haver um ou dois *acólitos instituídos* ritualmente, e não haver diáconos, podem servir o celebrante três ou até seis acólitos, contando com os instituídos, pois estes exercerão funções próprias ao seu ministério.²
3. Os acólitos são designados pelos numerais de 1 a 4, a fim de serem especificadas as funções próprias a cada um. Quando houver apenas dois acólitos, as funções do terceiro e do quarto são exercidas, respectivamente, pelo primeiro e pelo segundo.
4. A presença de diáconos, o uso de incenso e o ato de portar, em certos momentos do cerimonial, a cruz processional, os castiçais ou o missal, são elementos que tornam ainda mais solene o rito da Missa. Porém, se a celebração não conta com eles, ao se aplicar a presente coletânea de costumes, omitam-se ou adaptem-se aquelas partes que lhes dizem respeito.
5. Onde as circunstâncias de espaço não permitam a efetivação das posições ou dos deslocamentos prescritos ao longo desta coletânea de costumes, proceda-se do modo mais apropriado, seguindo as indicações do cerimoniário ou sacristão local.
6. A credência esteja de preferência localizada nas imediações do altar, à direita de quem celebra. A distribuição dos objetos sobre ela deve seguir a ordem apresentada na *ilustração (il. 1)*,

¹ Nesta publicação, o termo acólito não designa exclusivamente os que receberam o ministério do acolitado ritualmente, mas, por facilidade de linguagem, tem um sentido mais lato, o qual inclui qualquer fiel que serve o sacerdote ou os diáconos, durante a celebração da Santa Missa (cf. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 100, 3ª ed. tip.; *Código de Direito Canônico*, c. 230 § 2-3; Pontifício Conselho para a interpretação dos textos legislativos, *AAS* 86, 1994, p. 542).

² Acerca das funções próprias aos acólitos instituídos ritualmente, ver *Introdução geral do Missal Romano*, 3ª ed. tip., n. 98; 139; 162; 178; 187-193; 247; 249; 279; 284.



ou outra semelhante, a fim de todos estarem disposto conforme a sequência na qual serão trasladados para o altar.

Na sacristia

Sendo a sacristia um lugar de preparação para a Missa, os acólitos devem:

7. Comparecer a ela com antecedência, tendo lavado as mãos, com o hábito em ordem e limpo.
8. Em celebrações de especial solenidade e assistência numerosa, proceda-se a uma revista dos que entrarão em função junto ao altar, e procure-se paridade de alturas entre o primeiro e o segundo acólitos, bem como entre o terceiro e o quarto.
9. Guardar silêncio.
10. Quando necessário, retirar o relógio de pulso.
11. Nas cerimônias que comportam o uso de luvas, colocá-las.
12. Só tocar nos vasos sagrados havendo necessidade.

13. Portar os objetos litúrgicos com as duas mãos, a não ser que as circunstâncias o impeçam.

No local da celebração

14. Pode-se fazer uso da palavra, discretamente, para qualquer necessidade própria à função, evitando-se os gestos.

15. Não deixar o olhar solto, mas fixá-lo, conforme o momento litúrgico, em direção ao centro da ação ou como se fitasse o horizonte.

16. Estar sempre com as mãos postas, salvo em momentos que determinem outra posição.

17. Ao sentar-se, fazê-lo em movimento uniforme com os demais acólitos. Não se apoiar no espaldar do assento. As mãos permanecem fechadas sobre as pernas, a certa distância dos joelhos.

18. Fazer todos os gestos em conjunto, como o sinal da cruz ou algumas das vênias, seguindo o movimento dos clérigos.

Vênias

19. Durante as orações — exceto no ato penitencial (*Confiteor*) —, fazer a vênia de 45 graus ao nome de Jesus; a vênia de 30 graus, ao nome de Maria; e uma inclinação menor ao nome do santo comemorado.

20. Ao passar em frente ao altar, fazer a vênia de 45 graus.

21. As vênias ao altar devem ser feitas de frente para ele e de costas para a assembleia. Portanto, evitar passar por trás do altar da celebração, exceto onde as circunstâncias o exijam. Nesse caso, seguir a indicação do cerimoniário local.

22. As meias vênias que se fazem aos clérigos, depois de prestado um serviço, são de 45 graus.

23. Em relação a um Bispo:

a) faz-se a vênia antes e depois de aproximar-se dele para servi-lo;

b) quando houver um trono episcopal situado atrás do altar, e estiver ocupado pelo Bispo, caso o acólito tenha de passar pelo espaço que há entre ambos, faz a vênia ao altar ou ao Bispo, conforme se aproxime de um ou de outro; mas evite-se passar por esse lugar, por causa da reverência devida aos dois.³

Deslocamentos

24. Nunca se movimentar precipitadamente. No entanto, o cerimonial deve transcorrer com fluência, evitando-se as esperas desnecessárias.

25. Fazer todos os deslocamentos em cortejo, ou seja, em uniformidade com os outros, no passo, no alinhamento (correta disposição lateral) e na cobertura (correta disposição frontal), inclusive ao subir degraus. Manter a distância de um passo esquerdo, ou seja, de um braço e um palmo, em relação a quem avança imediatamente à frente.

26. Quando o celebrante estiver no local da sede, mesmo durante a ação de graças, evitar passar pelo espaço que há entre ele e o altar.

b) Preparação da Santa Missa

Quando necessário, fazer os seguintes preparativos antes da celebração:

27. Em relação ao cálice:

a) dispô-lo sobre a credência com a pedra principal voltada para trás (*il. 2*);

b) pôr um sanguíneo dobrado, em sentido horizontal, sobre a copa do cálice, com a cruz central visível e as extremidades do tecido pendendo equidistantes nas laterais (*il. 3*);

c) sobre o sanguíneo, colocar a patena com a hóstia magna (*il. 4*) e, embaixo desta, algumas hóstias pequenas, no caso de haver poucos fiéis participando da Missa e não ser utilizado o cibório;

³ Cf. *Cerimonial dos Bispos*, n. 77.

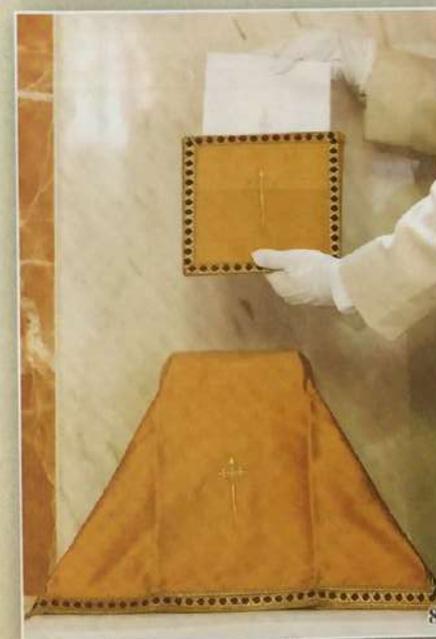
d) cobrir a patena com a pala (*il. 5*). A haste inferior da cruz bordada no tecido da pala aponta na mesma direção para a qual está voltada a pedra principal do cálice;

e) dispor o corporal dobrado sobre a pala (*il. 6*), quando não for usado o véu do cálice. A bordadura aparente do corporal permanece virada para baixo e voltada para o lado esquerdo de quem o põe sobre a pala. Assim, quem recebe o cálice das mãos do acólito, deve ter a bordadura voltada para o lado direito;

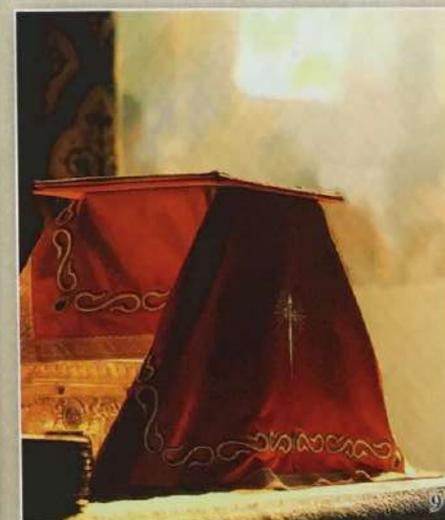


f) quando o véu do cálice for usado, estendê-lo depois de colocar a pala, esticado e de modo simétrico, a fim de que o lado que ostenta a cruz cubra completamente a face aparente do cálice (*il. 7*);

g) Dentro da bolsa, dispor o corporal dobrado (*il. 8*), cuja única bordadura aparente permanece para o lado esquerdo de quem o introduz. Sobre o véu colocar a sua bolsa correspondente (*il. 9*), cuja abertura permanece voltada para o lado não coberto do cálice.



28. Colocar vinho e água nas galhetas. A segunda destas deve estar suficientemente cheia para facilitar ao ministro o uso da colher. Ao dispô-las sobre a bandeja, a galheta de vinho permanece à direita e a de água à esquerda de quem as portará.



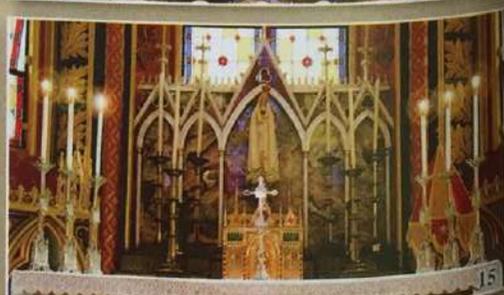
29. Dependendo do número de fiéis, é recomendável o uso de um ou mais o cibórios para dispor maior número de hóstias.

30. Encher a jarra do lavabo.

31. Assegurar-se de que tanto o sanguíneo quanto o manustérgio a serem utilizados estejam em boas condições de uso.

32. Sendo necessário, certificar-se de que as fitas do missal e do lecionário estejam marcando as páginas corretas.

33. Acender as velas dos castiçais — duas, quatro ou seis, consoante a celebração —, do seguinte modo (il. 10-15): pela frente do altar, acender primeiro as da esquerda (de quem as acende), começando por aquela que está mais perto do centro, e depois as da direita, do mesmo modo.



34. Dispor os paramentos do celebrante sobre algum móvel da sacristia, do seguinte modo:

a) ao dobrar a casula, estendê-la por inteiro, com a cruz voltada para cima (il. 16); dobrar o lado esquerdo (il. 17), depois o direito (il. 18), dobrá-la ao meio, de baixo para cima (il. 19) e dar-lhe a volta, para ser visto o medalhão (il. 20);



16



17



18



19



20

- b) colocar a estola, dobrada em três partes, sobre a casula (il. 21);
 c) dobrar o cingulo ao meio, duas vezes, e dispô-lo acima do medalhão e sobre a estola (il. 22);
 d) ao dobrar a alva, estendê-la por inteiro (il. 23), com o lado correspondente às costas para cima; dobrar o lado esquerdo (il. 24), depois o direito (il. 25), sobrepondo as mangas nas dobras; dobrá-la duas vezes, de baixo para cima (il. 26-27); dar-lhe da volta, para ser vista a parte da frente (il. 28), e dispô-la sobre a casula (il. 29).

21



22



29

23



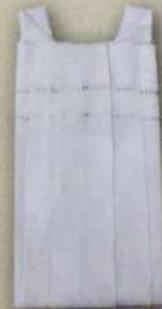
24



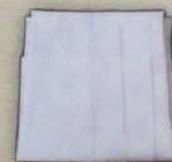
25



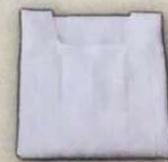
26



27



28



c) Paramentação

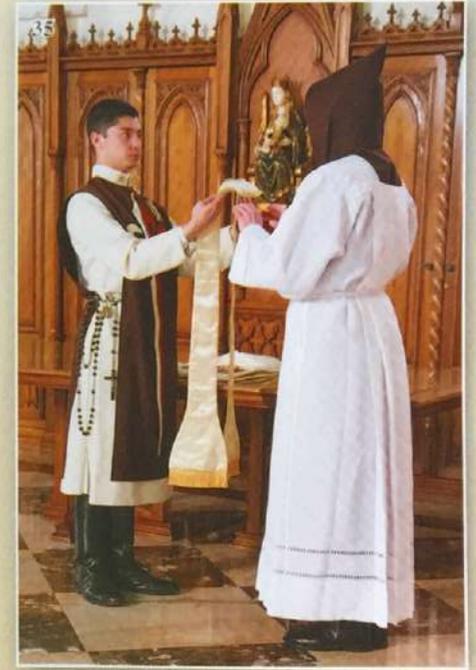
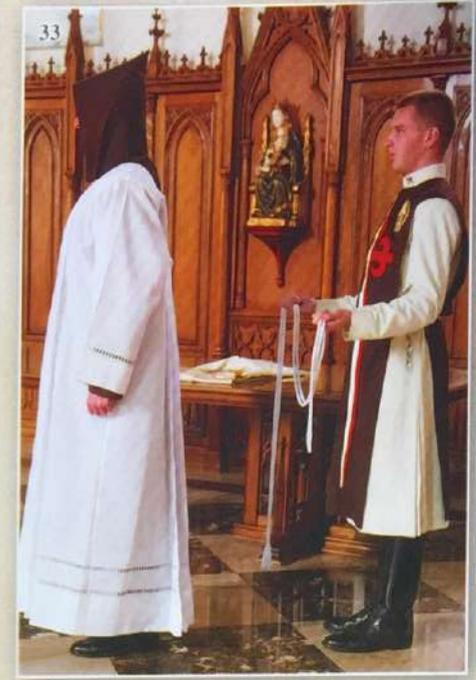
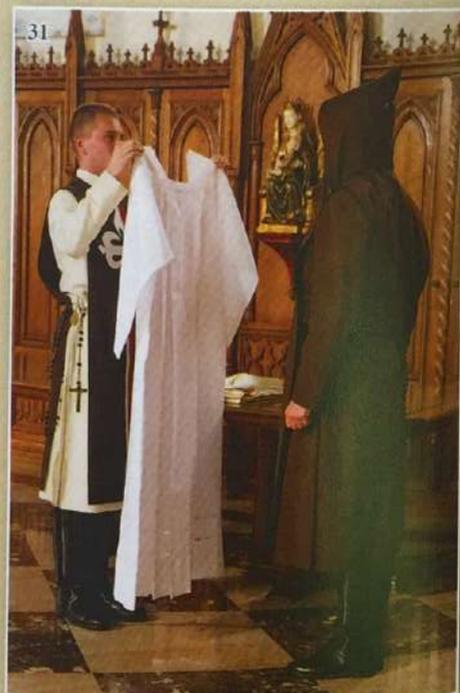
Sempre que for possível, auxiliar os clérigos a se revestirem dos paramentos, seguindo esta ordem:

35. Apresentar o amicto — caso o clérigo esteja sem hábito —, segurando-o pelas duas extremidades superiores, à altura do pescoço e com a cruz bordada no tecido voltada para quem o vestirá (*il. 30*).

36. Oferecer a alva, segurando-a esticada pela parte dos ombros e mantendo-a pendente (*il. 31*), ou recolher o tecido do lado das costas, apresentando a abertura correspondente à cabeça (*il. 32*).

37. Entregar o cingulo por trás do clérigo, ao alcance das mãos, com as duas extremidades do cordão juntas e pendentes para o lado direito (*il. 33*).

38. Apresentar a estola segurando-a perto da cruz central da mesma (*il. 34*), a fim de facilitar que seja osculada, antes da colocação (*il. 35*).



39. Tomar a casula. Introduzir a mão esquerda pelo lado direito da mesma, enquanto a direita proporciona um apoio à cruz para ser osculada (*il. 36*); fazer o mesmo em relação ao medalhão (*il. 37*), girando a veste sem desfazer a disposição dos braços; só então entregá-la, com o lado direito do tecido recolhido, pela esquerda de quem a vestirá (*il. 38*).



NA SACRISTIA, SILÊNCIO!
TEM DE HAVER CONTINUIDADE ENTRE A SACRISTIA E O ALTAR.

MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLA DIAS

21/4/2014

d) Formação inicial na sacristia



39

40. Na formação prévia ao cortejo de entrada (*il. 39*), o celebrante toma posição em frente à cruz processional, a qual está ladeada pelo terceiro e o quarto acólitos, que portam os castiçais. Os diáconos completam as laterais da formação, frente a frente, mais próximos do celebrante. O primeiro acólito, portando o missal, forma próximo da cruz, alinhado com o diácono que está à esquerda do celebrante, e o segundo alinha-se com o diácono da direita, em frente ao primeiro acólito.



40



41

41. Para portar o missal fechado, a mão direita espalmada sustenta-o pela borda inferior, perpendicularmente ao chão e junto ao centro da cruz do hábito. A esquerda, com os dedos unidos, segura a lateral direita do livro (*il. 40*).

42. Para portar um castiçal, deve-se sustentar a base do mesmo com uma mão espalmada, junto ao corpo, enquanto a outra empunha a parte superior da haste, à altura do queixo, com o antebraço paralelo ao chão. O antebraço erguido deve corresponder ao lado externo do cortejo, ou seja, quando se avança pela direita, o antebraço direito deve estar erguido e vice-versa (*il. 41*).



43. Estando todos nas devidas posições (*il. 42*), reza-se a oração prévia ao cortejo de entrada.

e) Durante a Santa Missa

Cortejo de entrada

44. No cortejo de entrada, a disposição dos fiéis leigos que dele participam, segue esta ordem (*il. 43*), por duplas, da direita para a esquerda — em relação ao celebrante — e de frente para trás:

- a) turiferário e navetário;
- b) cruciferário — assume o centro;
- c) terceiro e quarto acólitos;
- d) primeiro e segundo acólitos.



45. Em caso de não haver incenso e cruz processional, os acólitos encabeçam o cortejo e, devido à ausência da cruz, não portam os castiçais.

46. Quando a Missa for celebrada por um Bispo, o primeiro e segundo acólitos avançam atrás do baculífero e do mitrífero (cf. § 156, a).

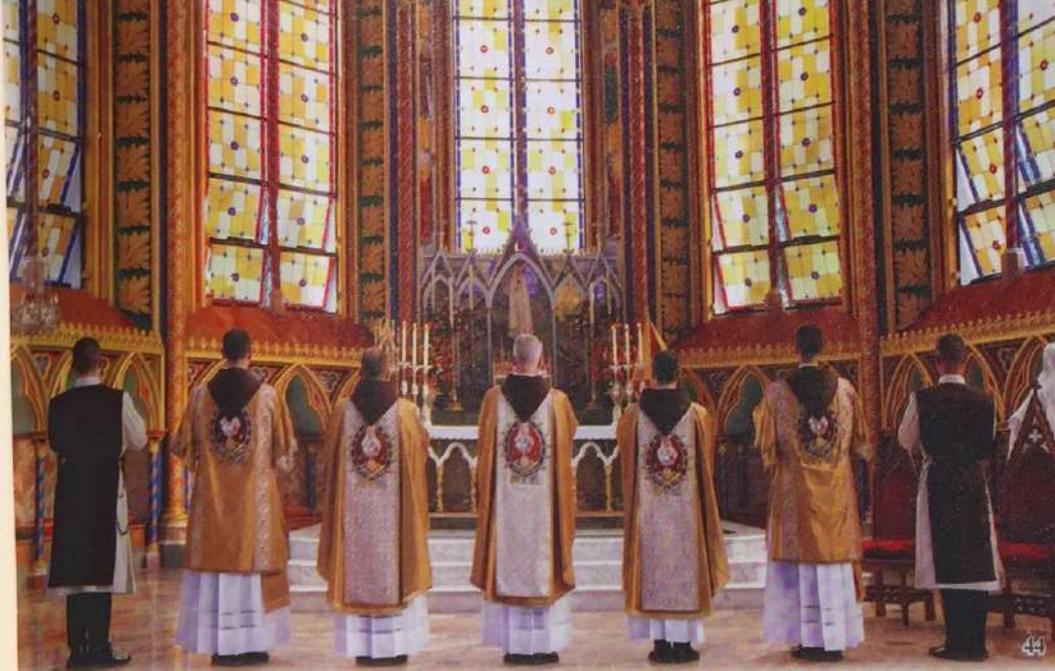
47. O terceiro e o quarto acólitos — e os demais ceroferários, caso houver (cf. § 146) —, ao chegarem diante do altar, não se detêm para a vênia, por estar portando os castiçais e acompanhando a cruz processional. Continuam avançando para depositar os castiçais em local previamente determinado ou sobre o altar, se durante a celebração forem usados os mesmos. Depois se dirigem aos respectivos lugares.

48. Caso o terceiro e quarto acólitos não estejam portando os castiçais, seguem o mesmo procedimento do primeiro e do segundo acólitos, indicado nos § 49-50.

49. O primeiro e o segundo acólitos, chegando diante do altar, distanciam-se lateralmente (*il. 44*), a fim de formarem uma fileira com os clérigos e, ao sinal do celebrante, fazem a genuflexão com um só joelho ou a vênia ao altar, esta última quando não houver reserva do Santíssimo Sacramento. Se faltar espaço, os acólitos, em lugar de se alinharem com os clérigos, permanecem atrás deles.

50. Caso haja concelebração e o número de sacerdotes não permitir que se forme uma linha única para a genuflexão ou a vênia em conjunto, o primeiro e o segundo acólitos sempre fazem a vênia, ao chegarem diante do altar, sem esperar o restante do cortejo.

51. Enquanto os clérigos se dirigem ao altar, os acólitos vão para os seus lugares, os quais devem estar perto da sede do celebrante, a fim de facilitar a movimentação quando tiverem de se aproximar dele para a saudação inicial.

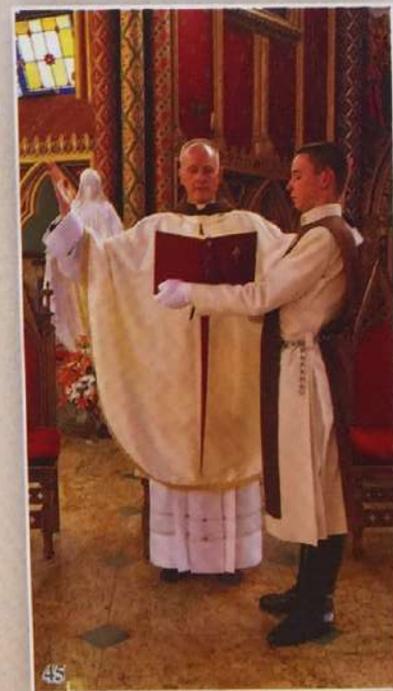


Ritos Iniciais

52. Quando o celebrante chegue à sede, após o incensamento do altar, o primeiro acólito apresenta-lhe, pela esquerda, o missal (*il. 45*), e o segundo aproxima, pela direita, o microfone (*il. 46*) ou, caso este último não seja usado, o acólito permanece no seu lugar.

53. Se, por razões de espaço, a Missa se iniciar no altar, os acólitos permanecem nos devidos lugares.

54. Durante o ato penitencial (*Confiteor*), apenas bate no peito, no momento indicado (cf. § 187, a), quem estiver com ambas as mãos desocupadas. Enquanto a direita bate, a esquerda permanece pendente, espalmada e junto ao corpo.



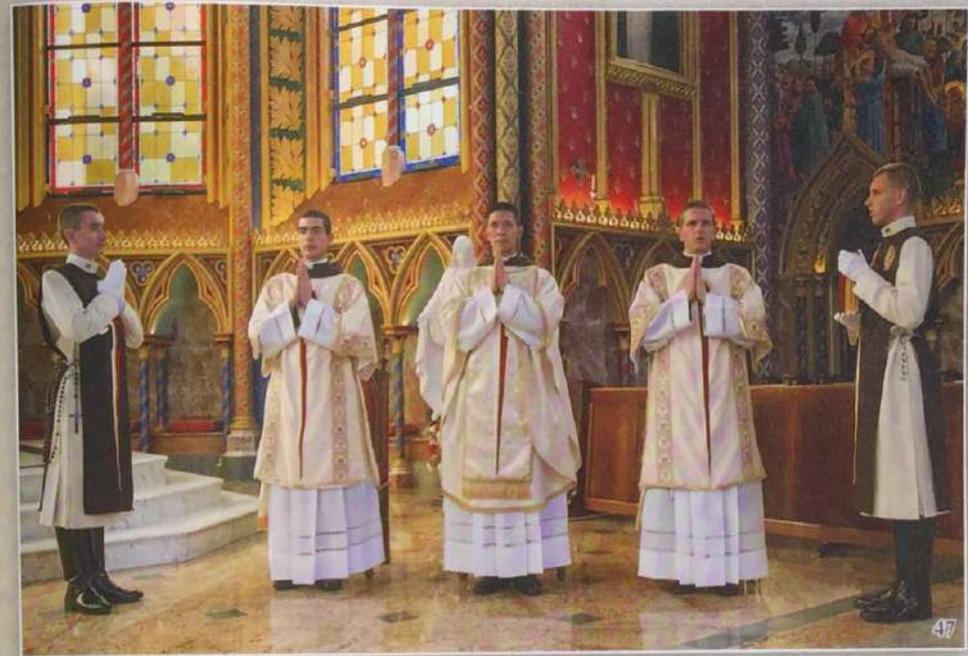


46

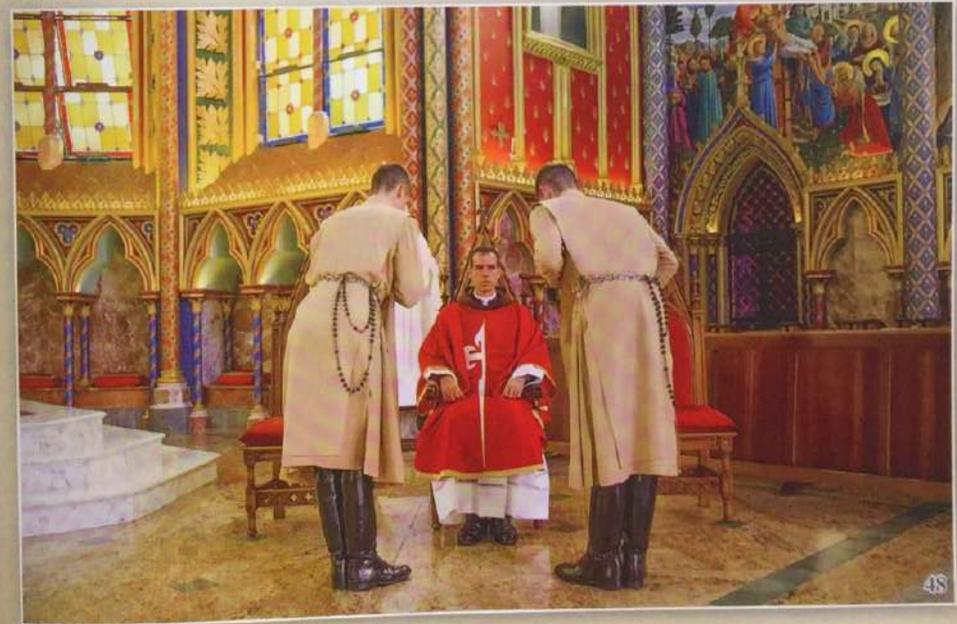
55. Quando o *Kyrie* for cantado, o primeiro acólito fecha o missal, segurando-o como já indicado (cf. § 41), o segundo acólito afasta ou retira o microfone, e os dois formam frente a frente, ladeando os clérigos que se encontram no local da sede (il. 47). Caso o *Kyrie* não seja cantado, os acólitos não se movimentam.

56. Se houver *Gloria*, cantado ou rezado, os acólitos apresentam o missal e o microfone, ou somente este último, caso seja necessário para a entoação, depois da qual assumem a mesma posição indicada no § 55.

57. O primeiro e o segundo acólitos entram novamente em função, junto à sede, na Oração do Dia. Terminada a mesma, aguardam que o celebrante se sente, a fim de fazer-lhe a vênua, voltados em oitava para ele (il. 48), e retiram-se para os respectivos assentos. Ao se movimentarem, evitem passar pela frente do celebrante.



47



48

Liturgia da Palavra



58. Nas celebrações em que há incenso, o terceiro e o quarto acólitos, portando castiçais, acompanham o clérigo que proclamará o Evangelho. Para isso, pouco antes de se iniciar a aclamação:

- a) dirigem-se em coluna até a frente do altar;
- b) fazem a vênia (*il. 49*);
- c) tomam um castiçal de cada lado do altar (*il. 50*);
- d) voltam-se em direção à assembleia, girando pelo centro do altar, e levantam o antebraço da mão que segura a haste do castiçal (*il. 51*);
- e) alinham-se nas extremidades da formação que acompanha o clérigo proclamador do Evangelho (*il. 52*); ao fazerem a meia volta, giram pelo lado do centro do altar;



f) conforme prescrito no § 42, a fim de o antebraço levantado de quem porta o castiçal corresponder ao lado externo da formação, depois de os acólitos darem meia volta em direção ao altar, trocam, em conjunto, o braço que segura a haste;

g) aguardam a vênia ao altar feita pelo demais membros da formação, pois os acólitos não a fazem por estarem portando os castiçais;

h) saem, correspondentemente, atrás do turiferário e do navetário (*il. 53*), com um esquerdo de diferença, em direção ao lugar onde se proclamará o Evangelho (*il. 54*);

i) formam frente a frente, um a cada lado do livro do Evangelho (*il. 55*);

j) após a resposta final "*Laus tibi, Christe*" (Glória a Vós, Senhor), os acólitos retiram-se em coluna para o altar, fazendo um percurso que não impeça o do clérigo;

k) devolvem os castiçais, fazem a vênia ao altar e retornam aos devidos lugares.

59. Caso a celebração não conte com incenso, o terceiro e o quarto acólitos seguem o mesmo procedimento do primeiro e do segundo, descrito no § 60.



60. O primeiro e o segundo acólitos, durante a aclamação ao Evangelho, voltam-se para o local de onde se dará a proclamação, no momento em que o clérigo disse incumbido avance em cortejo, depois de feita a reverência ao altar. Terminado o Evangelho, retornam à posição inicial, quando o clérigo oscular o livro.

Credo e Oração dos Fiéis

61. Nas Missas em que se canta o Credo, o primeiro e o segundo acólitos levantam-se quando o pregador fizer a vênia diante do altar, depois da homilia. Dirigem-se à sede — ou somente quem porta o microfone —, caso seja necessário para a entoação do cântico. Depois, os acólitos que se aproximaram do celebrante fazem a vênia e retornam aos seus devidos lugares.

62. Se o Credo não for cantado e depois houver Oração dos Fiéis, os dois acólitos se aproximam da sede e permanecem ao lado dela, como antes indicado (*cf. il. 47*).

63. Quando há Oração dos Fiéis, o primeiro e o segundo acólitos aproximam-se da sede, caso estiverem afastados dela, para servir novamente o celebrante. Terminadas as preces, aguardam que ele se sente, fazem a vênia, voltados em oitava (*cf. il. 48*), e se retiram. Para tal, evitem cruzar pela frente do celebrante.

Ofertório

64. O primeiro e o segundo acólitos formam a ambos os lados do clérigo que preparará as oferendas, para fazerem a vênia diante do altar, e depois se dirigem à credência.

65. O missal é colocado sobre o atril para ser levado ao altar.

66. O primeiro acólito porta o cálice para ser entregue a quem prepara o altar (*il. 56*). Fá-lo do seguinte modo:

a) a mão direita segura a haste, permitindo que o nó permaneça entre os dedos indicador e médio; a pedra principal permanece voltada para frente (*il. 57*); a mão esquerda, espalmada,



56

é apoiada sobre o corporal, sem erguer o cotovelo do braço correspondente (*il. 58*);

b) caso se faça uso do véu, a pedra principal do cálice permanece voltada para quem o porta;⁴ o lado do véu que tem a cruz bordada permanece voltado para frente (*il. 59*); esse mesmo lado da cruz, no momento de o cálice ser entregue, deve voltar-se em direção à assembleia (*il. 60*);

67. Se na celebração é necessário o uso de mais de um corporal, sobre o altar, os adicionais são levados pelo segundo acólito, no mesmo momento da entrega do cálice.



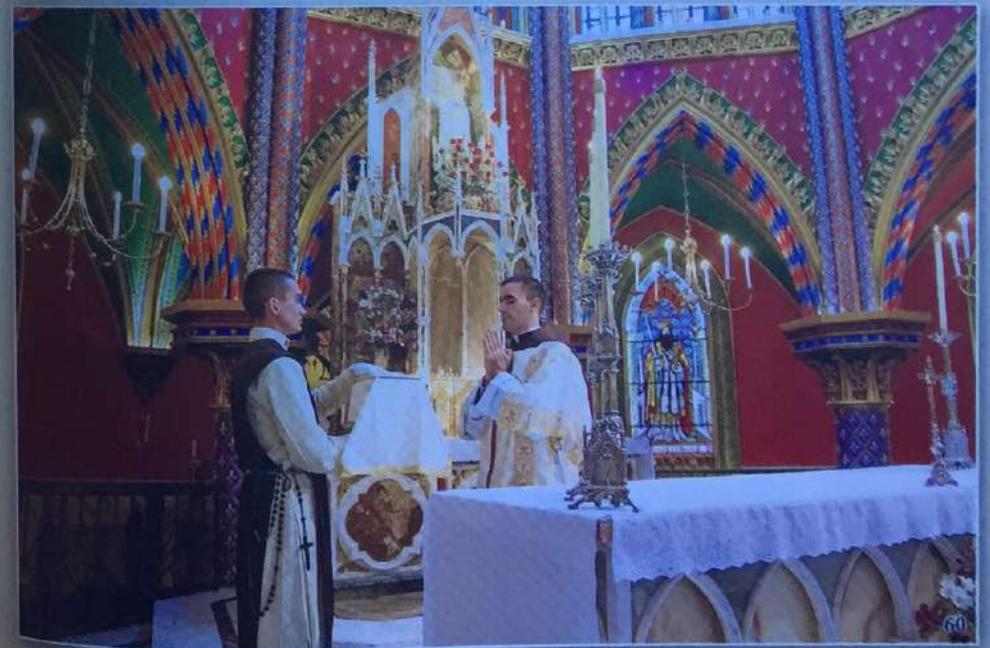
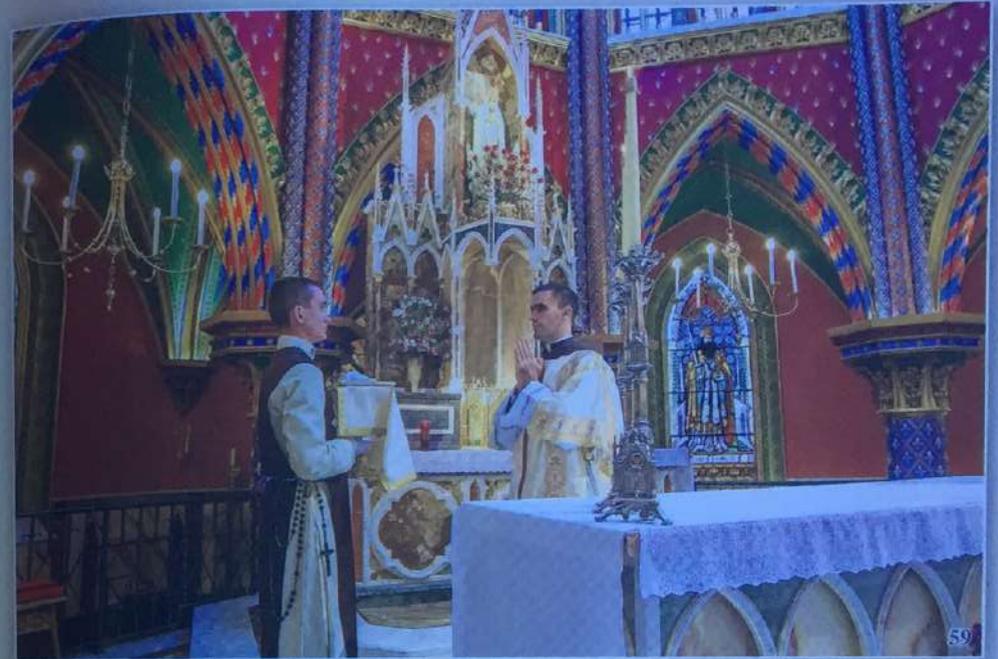
⁴ Exceto quando o altar estiver junto à parede. Nesse caso, a pedra principal do cálice permanece voltada para frente.



O ACÓLITO TEM DE SERVIR AO ALTAR COM ALEGRIA!
 QUEM EXERCE ESSA FUNÇÃO COM FISIONOMIA TRISTE,
 VOLTADO PARA SI MESMO,
 DÁ SINAIS DE QUE ALGO ESTÁ FUNCIONANDO MAL...
 É PRECISO ESTAR CONSTANTEMENTE ALEGRE!

MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLA DIAS

Homilia - 6/11/2007



68. Os acólitos transladam os cibórios para o altar, portando-os, sem a tampa, do seguinte modo (*il. 61*):

a) tratando-se de dois, ambas as mãos seguram-nos pela haste, permitindo que os nós permaneçam entre os dedos indicador e médio;

b) tratando-se de um só cibório, a mão direita segura a haste do mesmo e a esquerda, espalmada, sustenta-o pela base.

69. Quando forem usados o véu do cálice e a bolsa do corporal, assim que tenham sido colocados na extremidade do altar pelo clérigo que prepara as oferendas, qualquer um dos acólitos pode recolhê-los.

70. O atril, com o missal, é posto sobre o altar normalmente pelo sacristão ou o cerimoniário. Mas, sendo necessário, isso pode ser feito por um acólito. Quando há pelo menos dois diáconos, o atril não é posto diretamente sobre altar, mas é entregue a um deles. Nesse caso, deve ser portado com o lado do missal voltado para quem o receberá (*il. 62*). E depois de ser entregue, não se faz a vênia.

71. O segundo acólito porta a bandeja das galhetas, acompanhado, à sua direita, pelo primeiro. Estando os dois junto ao altar, o primeiro toma em mãos a galheta de vinho e a apresenta ao clérigo (*il. 63*). Ao ser devolvida para o mesmo acólito, este permanece com ela em mãos, e o segundo aproxima do clérigo a bandeja, contendo a outra galheta e a colher (*il. 64*), para ser colhida a gota de água. Enquanto esta é posta dentro do cálice, o primeiro acólito a galheta de vinho sobre a bandeja.

72. Tendo o clérigo devolvido a colher, os dois acólitos fazem a vênia e, depois de respondida, retornam à credência.





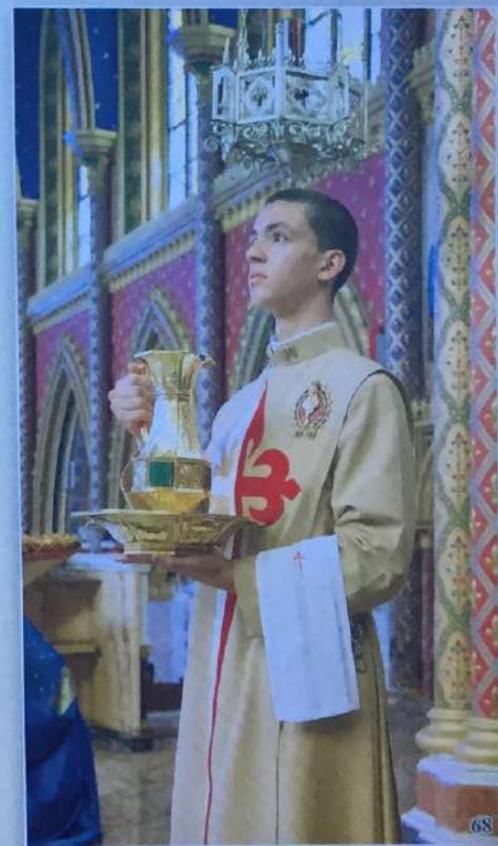
73. No momento de oferecer o lavabo ao celebrante:

- a) o terceiro acólito porta a jarra do lavabo com a mão direita, e a bacia com a esquerda, sustentando-a apenas pela base (*il. 65*);
- b) O quarto acólito porta o manustérgio com as duas mãos, prendendo a extremidade superior do tecido entre os polegares e os indicadores (*il. 66*);
- c) ambos os acólitos, alinhados, se aproximam do celebrante (*il. 67*), depois de este ter sido incensado. O terceiro acólito permanece de frente para o celebrante, a fim de verter água com mais facilidade. O quarto acólito alinha-se

à esquerda do terceiro e deve soltar o manustérgio no momento em que estiver sendo utilizado pelo celebrante;

d) caso um acólito seja o único ajudante de quem celebra, quando for portar o lavabo, coloca o manustérgio no antebraço esquerdo, deixando pender maior parte do tecido para frente (*il. 68*);

e) uma vez devolvido o manustérgio, o celebrante faz a vênia em primeiro lugar — única ocasião no cerimonial da Missa em que isso ocorre —, a qual é respondida pelos acólitos, os quais se retiram depois para a credência.





NA SANTA MISSA, O SOFRIMENTO DOS HOMENS
É SIMBOLIZADO PELA GOTA DE ÁGUA COLOCADA NO VINHO
DESTINADO À TRANSUBSTANCIAÇÃO.
O VINHO É O FRUTO DA UVA QUE FOI ESMAGADA,
ENQUANTO UMA GOTA DE ÁGUA PROVÉM DA CHUVA
OU DE QUALQUER LUGAR. ESSA POBRE GOTA FORMA COM ELE UM
SÓ LIQUIDO E TAMBÉM É CONSAGRADA.
É DADA À AGUA ESSA GLÓRIA!
ASSIM TAMBÉM É O NOSSO SACRIFÍCIO: SOMOS COMO GOTAS
DE ÁGUA UNIDAS AO SACRIFÍCIO INFINITAMENTE PRECIOSO
DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA

22/8/64 - 20/10/84



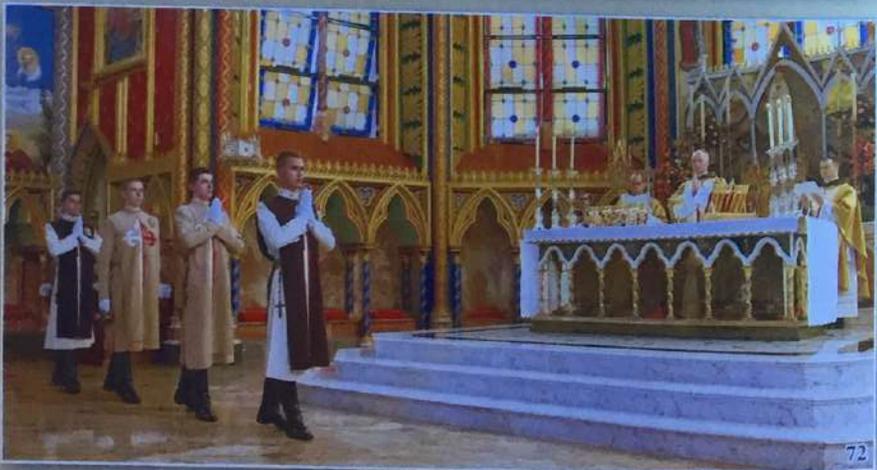
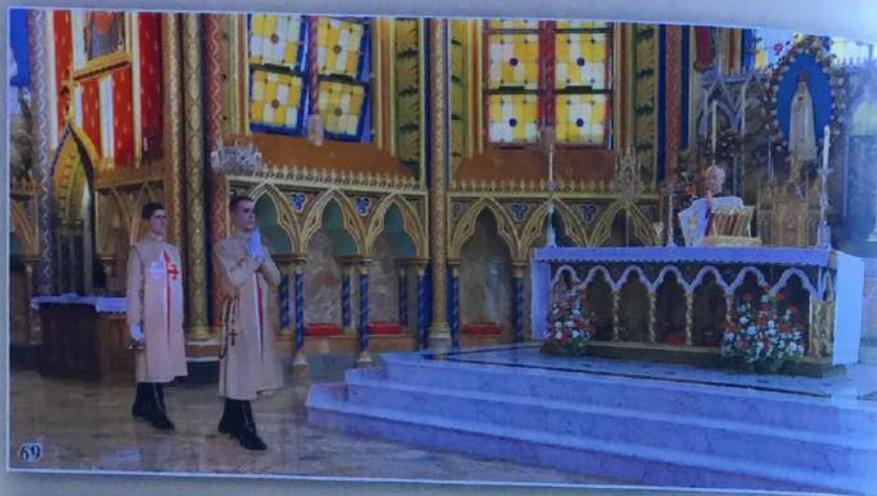
COMO O SACERDOTE AGRADECE O SERVIÇO PRESTADO
PELOS ACÓLITOS? COM UMA VÊNIA.

E ELES, ARREBATADOS POR RECEBER ESSA VÊNIA,
TAMBÉM SE INCLINAM, COMO SE DISESSEM:

“NÃO, ANTES DE TUDO
MERECE A VÊNIA VOSSA REVERENDÍSSIMA”.
ESSA É A RAZÃO DA VÊNIA.

MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLA DIAS

Homilia - 16/3/2010



Sanctus

74. Prestes a começar o *Sanctus*, o terceiro acólito toma a sineta com a mão direita e permanece com os braços pendentes ao longo do corpo; o punho esquerdo também é fechado.

Observação: em locais onde a sineta esteja ao alcance da mão do acólito, quando este estiver ajoelhado depois do *Sanctus*, pode-se esperar esse momento para tomá-la.

75. Iniciado o *Sanctus*, o terceiro e o quarto acólitos:

a) dirigem-se em coluna até a frente do altar, o terceiro atrás do quarto (*il. 69*);

b) ao chegarem, voltam-se em conjunto para ele, a fim de fazer a vênia, formados à frente do turiferário e do navetário (*il. 70*);

Observação: durante a vênia, o acólito que porta a sineta espalma a mão esquerda, junto ao corpo;

c) depois, saindo com o passo correspondente à direção para a qual se dirigem (*il. 71*), seja esquerda ou direita, formam nas laterais do altar, voltados em oitava para ele;

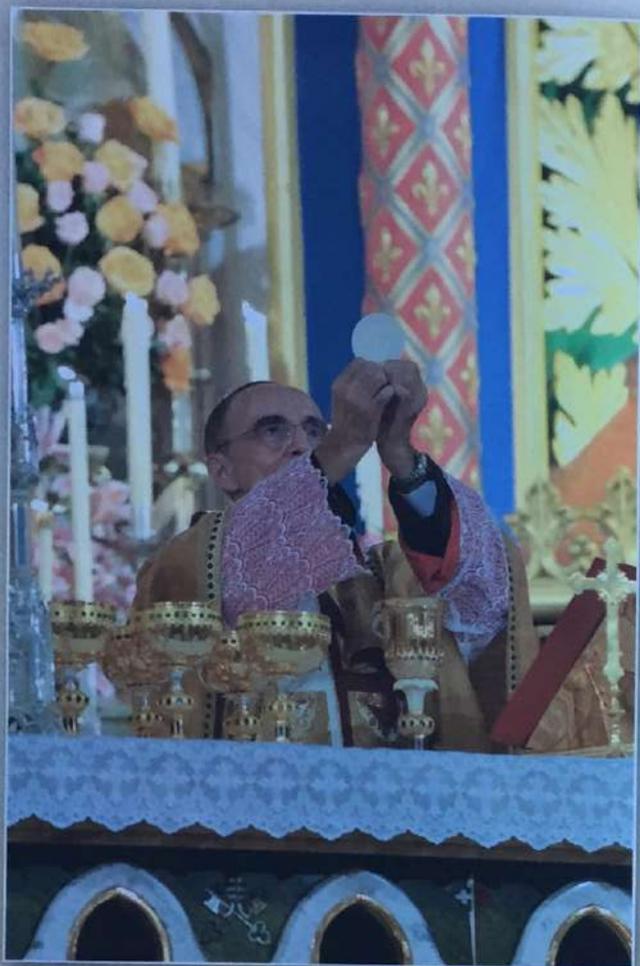
d) uma vez em seus lugares e terminado o *Sanctus*, ajoelham-se em conjunto.

76. Caso haja concelebração, o primeiro e o segundo acólitos:

a) participam do cortejo mencionado no § 75, sendo encabeçado pelo primeiro e cerrado pelo segundo (*il. 72*);

iniciam a movimentação no momento mais apropriado, a fim de não interromper o cortejo dos concelebrantes,

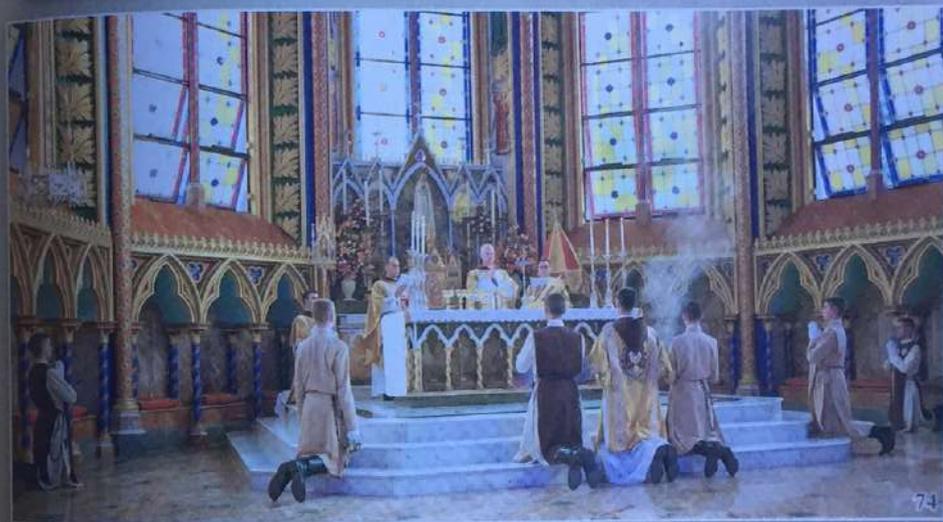




DEVEMOS ASSISTIR À MISSA COM TODA DEVOÇÃO, PIEDADE E FOGO DE ALMA. ESTAR ACESOS EM CHAMAS DE ENTUSIASMO, NA HORA DA COMUNHÃO. É UMA DÁDIVA EXCELENTE ESTAR PRESENTE NA SANTA MISSA, ONDE SE OPERA UM MILAGRE TÃO EXTRAORDINÁRIO!

MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLÁ DIAS

27/5/2006



e chegar em conjunto com o turiferário e o navetário, diante do altar, para a vênica (il. 73);

b) formam nas proximidades dos concelebrantes (il. 74), a fim de segurar os livros daqueles que, no devido momento, recitarão alguma parte da Oração Eucarística (cf. § 84).

77. Caso o espaço entre a credência e o altar for muito reduzido, o cortejo do *Sanctus* é dispensado, e os acólitos, depois de deixarem o lavabo na credência, dirigem-se aos respectivos lugares, ajoelhando-se somente depois do *Sanctus*; o acólito que passa pela frente do altar faz a vênica.

Oração Eucarística

78. Antes de iniciar a Oração Eucarística, quando a Missa for presidida por um Bispo, algum dos acólitos se aproxima portando uma bandeja, para nela ser colocado o solidéu.

79. No momento da epiclese, quando o celebrante estende as mãos sobre as oferendas (*il. 75*), o terceiro acólito dá um toque de sineta, composto de três badaladas.

Observação: o número de badaladas por toque, mencionado neste § 79 e nos § 81-82, aplica-se exatamente às sinetas com mais de um badalo e alça para serem tocadas girando o braço.

80. Quando há incenso, somente o terceiro e o quarto acólitos acompanham a vênia do turiferário e do navetário, antes de começar o incensamento das espécies consagradas.

81. Durante a elevação, tanto da hóstia quanto do cálice, dão-se três toques de sineta, de cinco badaladas cada um, nos seguintes momentos:

a) um breve instante depois do início do movimento de elevação (*il. 76*);

b) quando a elevação estiver prestes a chegar ao seu ponto mais alto (*il. 77*);

c) um breve instante depois de começar o movimento de volta e antes que este se conclua (*il. 78*);

Observação: procure-se que seja igual o intervalo de tempo entre um e outro toque de sineta.

82. Na genuflexão do celebrante (*il. 79*), após a elevação de ambas as espécies:

a) dá-se um toque de sineta, de três badaladas;

b) todos os acólitos fazem a vênia.

83. Antes da elevação do cálice, no intervalo de tempo em que não se dá nenhum toque de sineta, esta pode ser pousada no chão, como também depois da segunda genuflexão do celebrante, até o momento de os acólitos se levantarem.





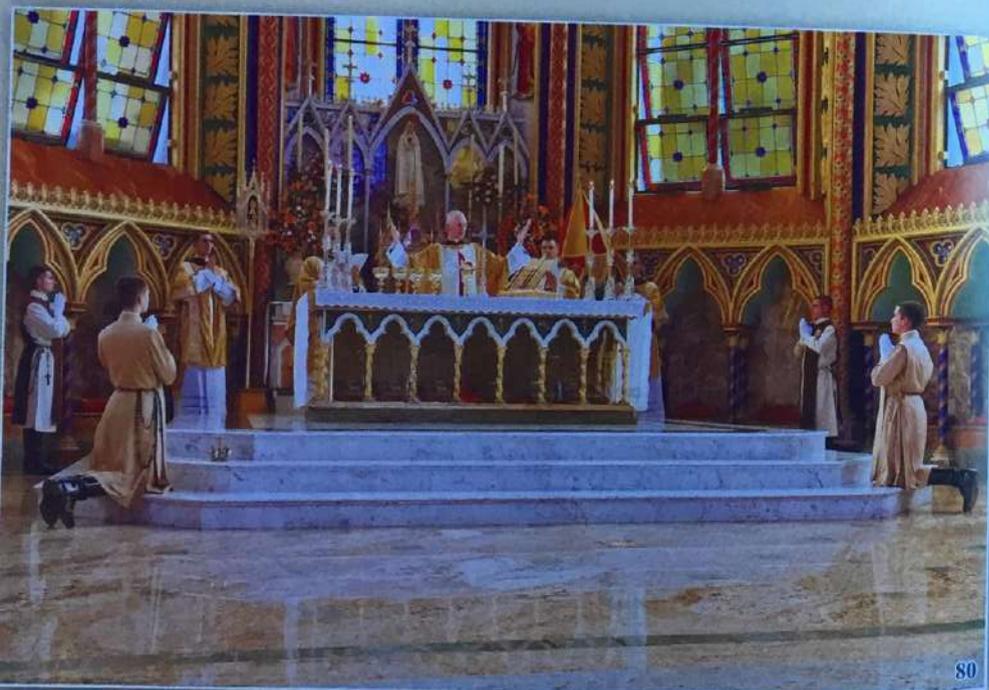
79



81

84. Se há concelebração, quando a assembleia responde “*Mortem tuam annuntiamus, Domine...*” (Anunciamos, Senhor, a vossa morte...), o primeiro e o segundo acólitos:

- a) se levantam (*il. 80*);
- b) aproximam-se dos concelebrantes, no devido momento e um acólito por vez;
- c) sustentam o livro de quem pronuncia em voz alta alguma parte da Oração Eucarística, tomando o cuidado de não se interpor no espaço que há entre o concelebrante e o altar (*il. 81*);
- d) retornam separadamente aos seus lugares;
- e) cada acólito se ajoelha sem esperar o outro, e somente se falta um trecho longo da Oração Eucarística.



80



ESTAR NO SERVIÇO DO ALTAR COMO ACÓLITO É UM DOM DE DEUS. NA HORA DO SACRIFÍCIO, RECEBE MAIS GRAÇAS QUEM SE ENCONTRA MAIS PRÓXIMO DO ALTAR.

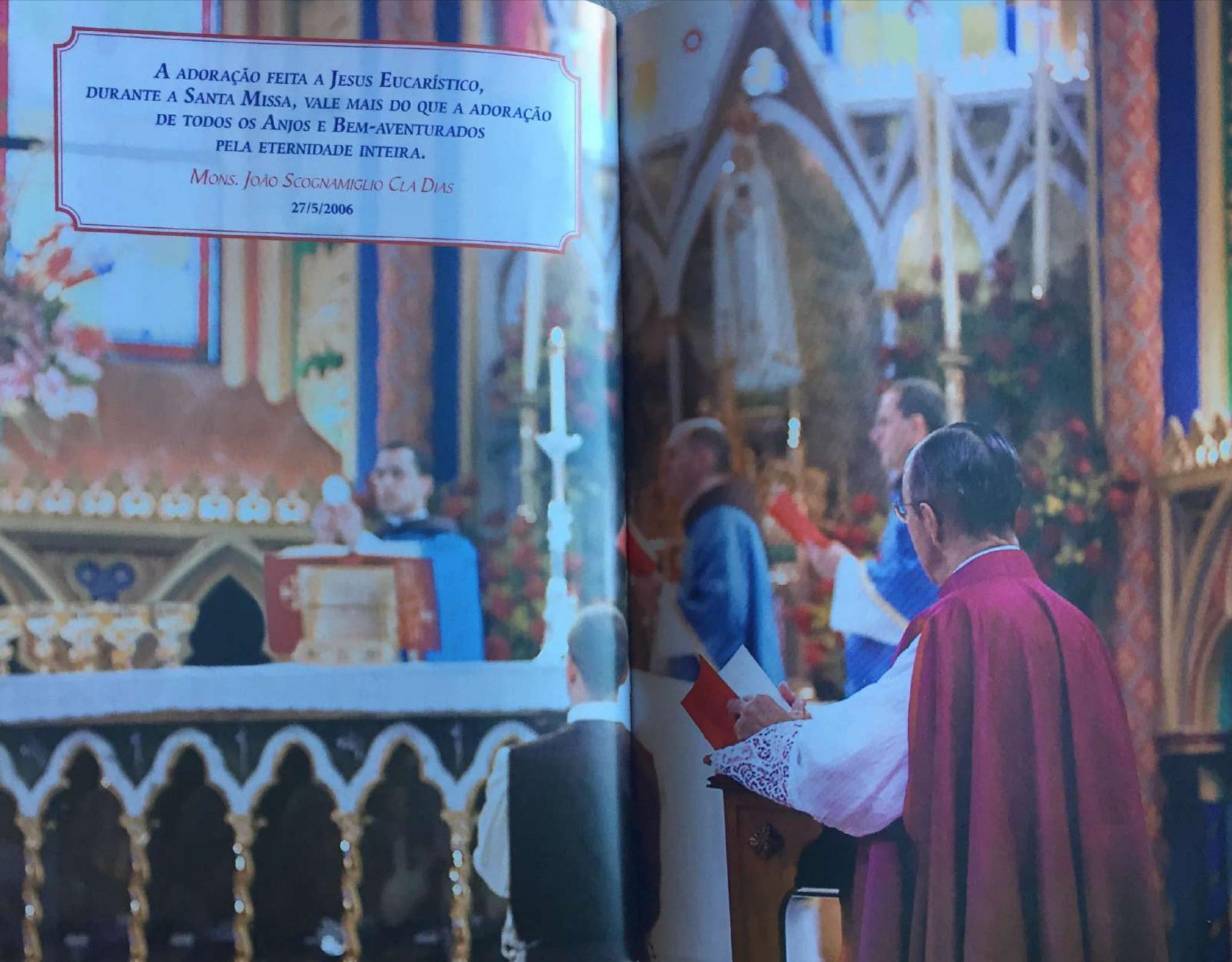
MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLA DIAS

Homilia - 19/11/2008

A ADORAÇÃO FEITA A JESUS EUCARÍSTICO,
DURANTE A SANTA MISSA, VALE MAIS DO QUE A ADORAÇÃO
DE TODOS OS ANJOS E BEM-AVENTURADOS
PELA ETERNIDADE INTEIRA.

MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLA DIAS

27/5/2006



Rito da Comunhão



85. Antes da frase “*Præceptis salutaribus moniti*” (Obedientes à palavra do Salvador), todos se põem em pé. O primeiro e o segundo acólitos recolhem os livros dos concelebrantes — caso houver —, e deixam-nos em local apropriado ou, permanecendo com eles, retornam aos seus lugares.

86. No início do *Agnus Dei*, os quatro acólitos fazem juntos a vênia diante do altar e dirigem-se para a credência.

87. O segundo acólito porta a patena, bem como todos aqueles que forem designados para essa função, no caso de haver mais de um ministro.

88. Depois de o celebrante comungar, o segundo acólito exerce a função junto ao altar, para a Comunhão dos ministros.

89. No momento da distribuição da Comunhão, quem porta a patena:

a) segura-a somente com a mão direita e permanece ao lado direito do ministro (*il. 82*);

b) quando dois ministros juntos distribuem a Comunhão sob as duas espécies, segura-a com a mão esquerda e permanece ao lado esquerdo daquele ministro que está no centro (*il. 83*);

c) durante os deslocamentos, ou quando não está exercendo a função, segura-a com ambas as mãos espalmadas (*il. 84*).



84



85

Depois da Comunhão

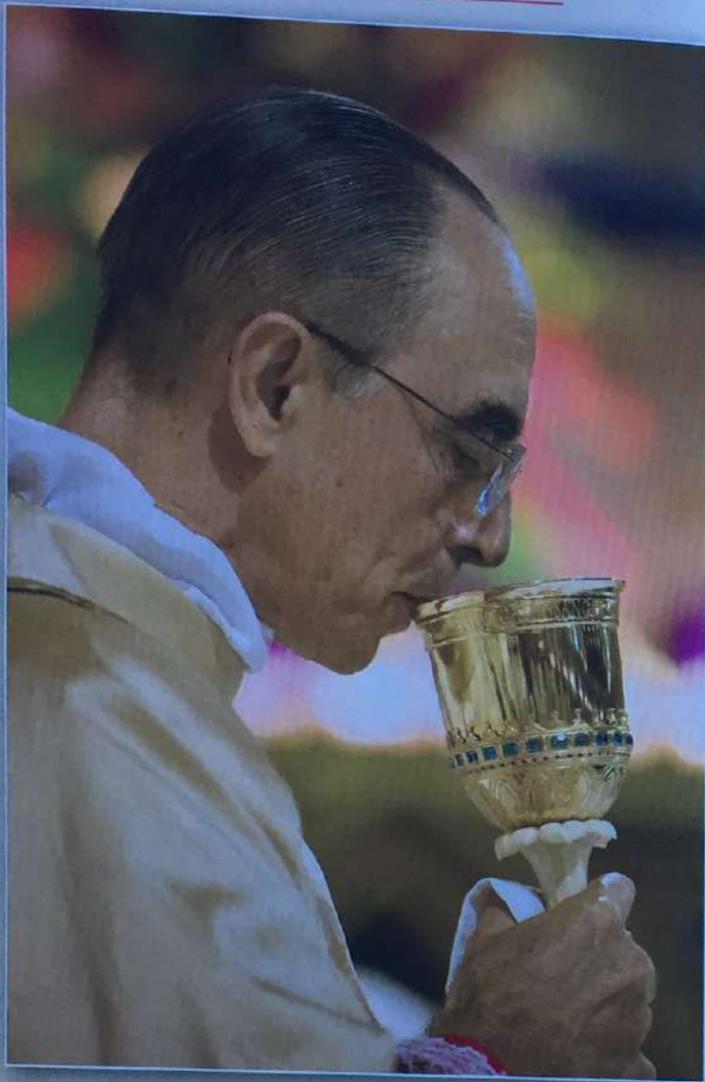
90. Terminada a Comunhão, todos os que portam as patenas entregam-nas aos ministros ou deixam-nas na credência, a fim de serem purificadas.

91. Algum dos acólitos, ou outro ajudante designado para isso, dispõe o genuflexório para a ação de graças do celebrante.

92. Quando o celebrante não for quem purifique os vasos sagrados, o quarto acólito, portando o purificador (*il. 85*), aproxima-se para servi-lo, antes que se ajoelhe. Terminado o serviço, faz a vênia e aguarda a resposta para se retirar.

93. Em certos casos — por exemplo, quando um Bispo presidir a celebração —, o terceiro e o quarto acólitos, portando o lavabo (cf. § 73, a-b), aproximam-se do celebrante e se ajoelham, enquanto está sentado na sede, para ele fazer a purificação das mãos.

Observação: nesse momento, algum dos acólitos porta a bandeja com o solidéu (cf. § 78), quando houver um Bispo, para ser entregue quando for consumido todo o preciosíssimo Sangue.



A COMUNHÃO NOS DÁ FORÇA E NOS ENCHE DE ENERGIA
ESPIRITUAL, FAZENDO COM QUE ENFRETEMOS OS PROBLEMAS
COM MUITO MAIS FACILIDADE DO QUE SE NÃO COMUNGÁSSEMOS.

MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLA DIAS

Homilia - 14/12/2009

94. Os demais acólitos — ou outros ajudantes designados para isso — portam purificadores, se for necessário, visto o elevado número de ministros. Nesse caso, ao servir cada ministro, a vênia é dispensada.

95. Depois de ser consumido todo o preciosíssimo Sangue, o primeiro acólito auxilia quem purifica os vasos sagrados:

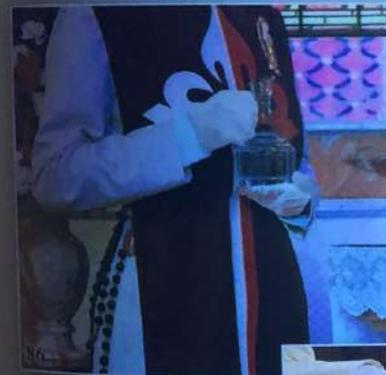
a) permanece próximo do altar, portando a galheta de água (il. 86);

b) quando lhe for indicado, verte água dentro dos vasos sagrados (il. 87);

c) sendo necessário, também verte água nos dedos do ministro (il. 88), o qual os purificará sobre o cálice;

d) terminado o serviço, faz a vênia em direção ao ministro e, depois da resposta, retira-se para a credência.

Observação: exceto o cálice, os demais vasos sagrados podem ser purificados sobre a credência.



96. Os outros acólitos retiram do altar os vasos sagrados, exceto o cálice, à medida que estiverem purificados.

97. O terceiro acólito porta o véu do cálice:

a) toma as suas duas pontas superiores, tendo a cruz bordada de frente para si e localizada na parte inferior do tecido (*il. 89*);

b) gira o tecido, cruzando os antebraços de modo a permanecerem ocultos atrás do véu, e somente aparecer a frente deste (*il. 90*).
Observação: a ordem para cruzar os antebraços (direito sobre esquerdo ou vice-versa) depende da lateral do altar pela qual o acólito se aproxime, pois, ao descruzar os braços (cf. § 99, c), enquanto o tecido gira, só pode ser visto pela assembleia o lado do tecido que tem a cruz, e não o seu forro.

98. O quarto acólito porta a bolsa do corporal, sustentando-a com ambas as mãos e prende-a apenas com os polegares, na parte de cima.

99. Quando o primeiro acólito estiver retirando-se do altar (cf. § 95, d), os que portam o véu do cálice e a bolsa do corporal:

a) aproximam-se do ministro que purificou o cálice, formados lado a lado (o terceiro acólito mais perto do altar);

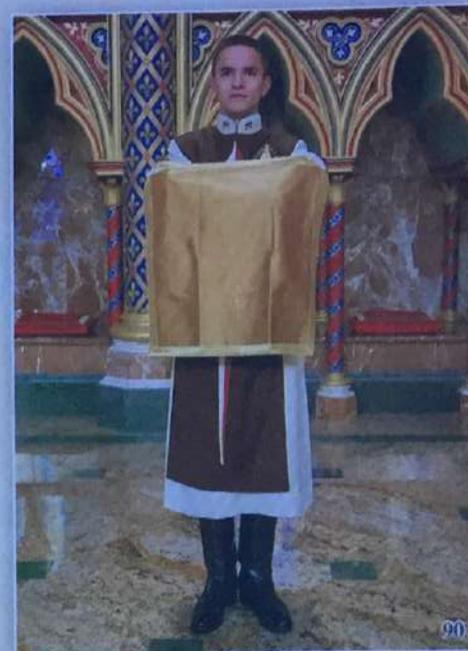
b) o quarto acólito abre a bolsa pelas laterais da mesma, com a ajuda dos dedos polegar e indicador de ambas as mãos (*il. 91*), a fim de nela ser guardado o corporal;

c) o terceiro acólito oferece o véu, descruzando os braços e apresentando o lado do forro do tecido (*il. 92*); em seguida, entrega-se a bolsa do corporal, para ser posta sobre o véu;

d) o terceiro acólito recebe das mãos do ministro o cálice;

e) caso tenha sido usado mais de um corporal sobre o altar (cf. § 67), os adicionais são entregues ao quarto acólito;

f) ambos fazem a vênia; e, depois de respondida, retiram-se para a credência.



100. Durante a ação de graças:

- a) quando todos os acólitos estiverem em seus devidos lugares, ajoelham-se em conjunto.
- b) caso os Ritos Finais forem se dar no local da sede, o primeiro e o segundo acólitos permanecem nos lugares perto dela;

101. Quando a Oração depois da Comunhão é feita do lugar da sede, o primeiro e o segundo acólitos aproximam-se dela e apresentam o missal e o microfone, como antes foi indicado (cf. § 52).

Ritos Finais

102. Durante o sinal da cruz correspondente à bênção final:

- a) os acólitos que se encontram de joelhos, ao abaixar o braço esquerdo, deixam-no pender ao longo do corpo e mantém o punho fechado;
- b) os acólitos que estiverem portando objetos, omitem o sinal da cruz.

103. Para a fórmula de despedida “*Ite, missa est*” (Ide em paz...), sendo necessário, o segundo acólito aproxima o microfone do clérigo que a profere.

Cortejo de saída

104. Para fazer a reverência diante do altar, antes do cortejo de saída, o primeiro e o segundo acólitos:

- a) formam em frente ao altar, ao lado dos clérigos (o primeiro à esquerda e o segundo à direita; *il. 93*), ou atrás deles — caso falte o espaço;
- b) ao sinal do celebrante, fazem a genuflexão ou a vênia; esta se não houver reserva do Santíssimo Sacramento;
- c) se há concelebração e o número de concelebrantes é grande, o primeiro e o segundo acólitos completam a formação do cruciferário e dos acólitos que portam os castiçais (cf. § 105, a-c), de modo a se encontrarem atrás deles, quando iniciar o cortejo;
- d) quando a Missa for celebrada por um Bispo, mesmo que haja grande número de concelebrantes, o primeiro e o segundo acólitos permanecem nas proximidades do celebrante, pois,



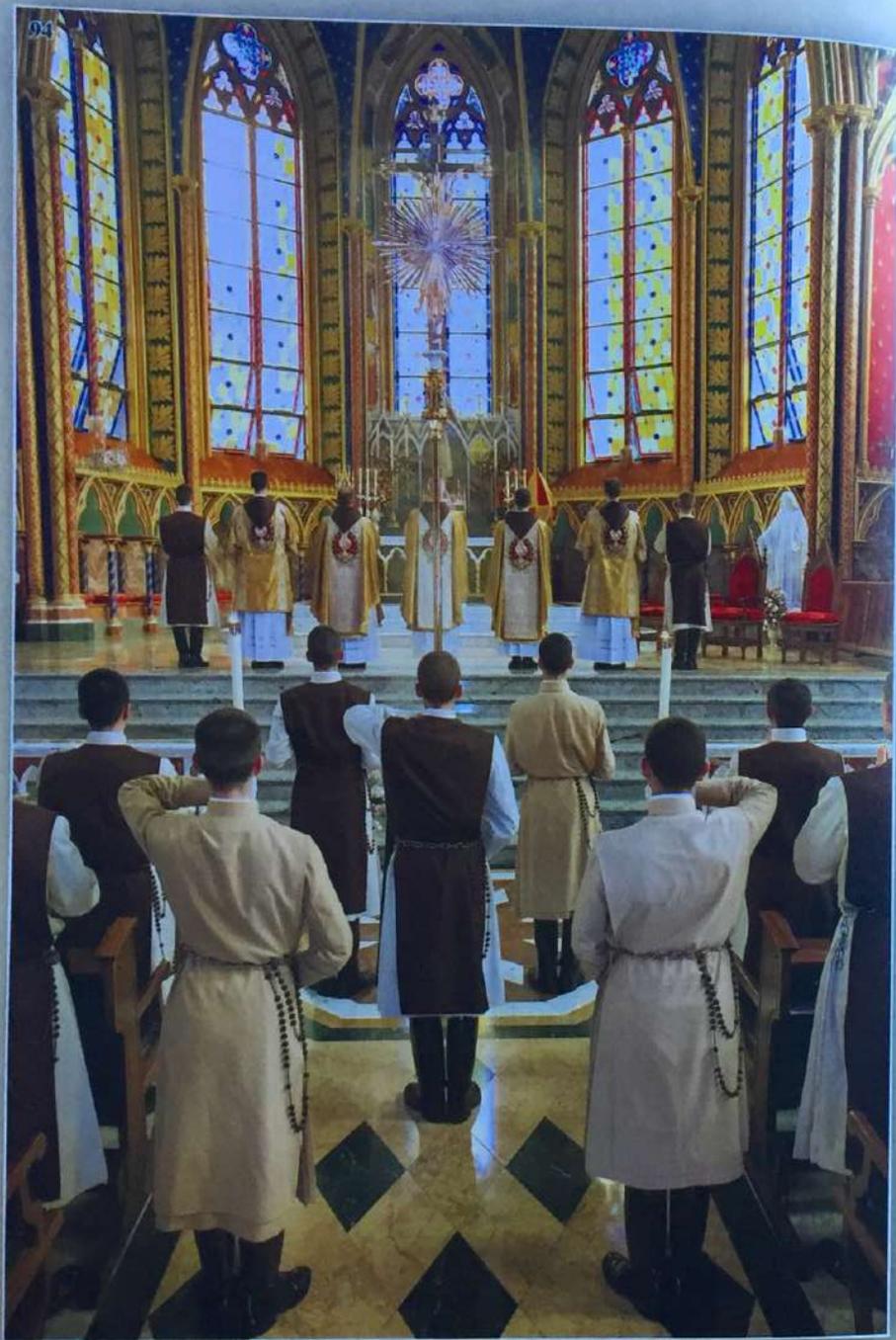
durante o cortejo, terão de avançar atrás do baculífero e do mitrífero (cf. § 156, a).

105. Durante o cântico final a Nossa Senhora, se a cruz processional for abrir o cortejo de saída:

- a) o terceiro e o quarto acólitos — bem como os outros cerofe-rários, caso houver (cf. § 146) — portam os castiçais e dirigem-se com o cruciferário ao lugar onde aguardam o cortejo de saída;
- b) se forem usados os próprios castiçais do altar, os acólitos seguem o mesmo procedimento descrito no § 58, itens a-d;
- c) chegando ao lugar onde aguardam o início do cortejo, voltam-se na direção do altar e os que portam os castiçais trocam, em conjunto, o braço que segura a haste dos mesmos (cf. § 42);
- d) a disposição assumida nessa formação deve permitir que os acólitos se encontrem atrás do cruciferário (*il. 94*), quando se iniciar o cortejo de saída.

106. Caso não haja cruz processional, o terceiro e o quarto acólitos não portam os castiçais e completam as extremidades da formação do primeiro e do segundo acólitos, mencionada no § 104, itens a-b.

107. À indicação do celebrante, o primeiro e o segundo acólitos — ou todos, conforme o caso (cf. § 106) — fazem a genuflexão em conjunto com os clérigos, ou a vênia se não houver reserva do Santíssimo Sacramento. Em seguida, fazem a meia volta e começam o cortejo de saída (*il. 95*), o qual segue a mesma ordem do cortejo de entrada (cf. § 44-46) e se dirige à sacristia.



f) Formação final na sacristia



108. Ao chegarem à sacristia, os acólitos formam na mesma disposição prévia ao início da Missa (*il. 96*) e aguardam o momento da dispersão.

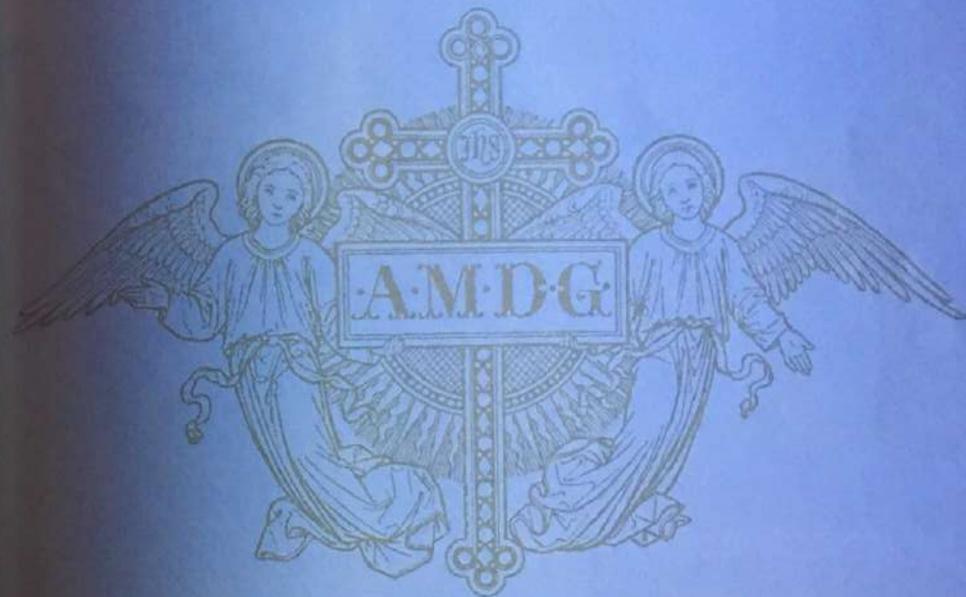
109. O primeiro acólito auxilia o celebrante a guardar os paramentos, na seguinte ordem:

- a) pendurar a casula e estola juntas; esta última pode ser colocada tanto no suporte interno do cabide, quanto sobre a parte da veste correspondente aos ombros;
- b) pendurar o cingulo no próprio cabide da casula ou da alva, ou ainda, dobrá-lo ao meio, duas vezes, para ser guardado numa gaveta;
- c) pendurar a alva em outro cabide ou dobrá-la de modo apropriado para ser guardada.

110. Os outros acólitos auxiliam os demais clérigos a guardar os paramentos.

111. Apagar as velas. Caso estas estejam sobre o altar, deve-se seguir a ordem contrária à que foram acesas (cf. § 33).

112. Retira a água usada da bacia do lavabo.





TURIFERÁRIO E
NAVETÁRIO

TURIFERÁRIO E NAVETÁRIO

a) Normas gerais



113. Há duas posições para portar o turíbulo:

a) A primeira (*il. 97*) é comumente assumida nos deslocamentos, ou quando se aguarda em pé por um espaço breve de tempo. O dedo polegar, o indicador e o médio, da mão direita, seguram a corrente perto do opérculo do turíbulo, deixando apenas a distância suficiente para continuar balançando-o. A mão esquerda empunha a outra extremidade da corrente, e o antebraço permanece levantado, a fim de o punho ser apoiado no costado esquerdo, pouco abaixo do medalhão do hábito;

b) A segunda posição (*il. 98*) é geralmente assumida quando se aguarda em pé durante um espaço de tempo longo. Nela, a mão direita empunha a extremidade superior da corrente e o antebraço direito permanece paralelo ao chão. O turíbulo é balançado à frente do corpo, em sentido horizontal.

114. O modo de balançar o turíbulo deve ser contínuo, compassado e solene.

115. A tampa do turíbulo normalmente permanece um tanto levantada (*il. 99*). No momento de ser colocado o incenso, a abertura deve ser pouco mais de um palmo (*il. 100*). Ao incensar, caso seja necessário, deixa-se uma abertura mínima, para facilitar o incensamento (*il. 101*).



99



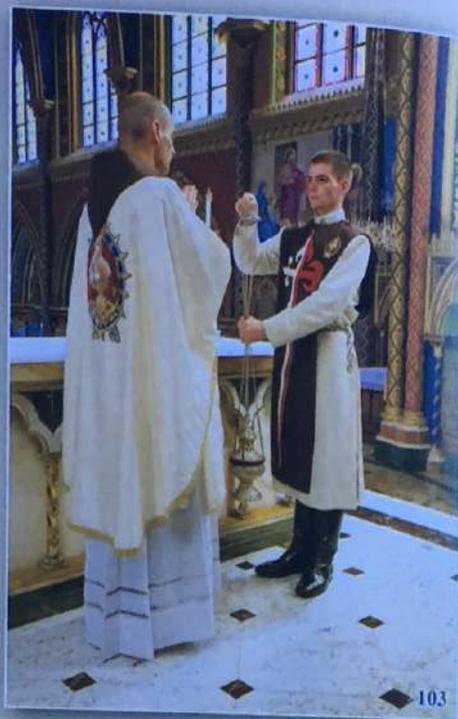
100



101



102



103

116. Quando o turíbulo é entregue:

- a) primeiro ao diácono, o qual, por sua vez, entregá-lo-á ao celebrante, o turiferário fecha um pouco a tampa e suspende o turíbulo apenas pelas duas argolas da extremidade superior da corrente, fazendo com que esta fica totalmente esticada (il. 102);
- b) diretamente a quem o usará, o turiferário fecha um pouco a tampa, com a mão direita segura as duas argolas da parte superior da corrente, e prende esta com a mão esquerda, mantendo-a a certa distância do opérculo (il. 103).

117. Quando o turiferário tenha de incensar:

- a) fecha um pouco a tampa do turíbulo;
- b) faz a vênia e aguarda a resposta da mesma — no caso de incensar alguém;



104



105

- c) num só movimento, chamado *ductus* (il. 104), eleva o turíbulo com o braço direito à altura do rosto, na direção da pessoa ou objeto a incensar; concomitantemente, a mão esquerda, que segura a outra extremidade da corrente, desloca-se para o centro do peito;
- d) efetuado o *ductus*, dá ao turíbulo impulsos para frente, chamados *ictus* (il. 105), tantos quantos o momento litúrgico o exigir;
- e) quando o turíbulo faz o movimento de retorno de cada *ictus*, deve bater na corrente;
- f) concluído um *ductus*, para iniciar outro, aguarda uma fração de tempo, abaixando o turíbulo;
- g) terminada a sequência dos *ductus*, faz a vênia, espera a resposta da mesma — caso se incense alguém — e retoma a primeira posição (cf. § 113).

118. A naveta é empunhada com a mão esquerda, pela haste que parte da base, e sobre essa mão se sobrepõe a outra (il. 106).

119. No momento de oferecer a naveta ao clérigo para ser colhido o incenso, a colher deve ter a extremidade superior do seu cabo fora do recipiente.

120. Durante os atos de cerimonial, o navetário geralmente permanece à esquerda do turiferário. Entretanto, essa ordem pode ser invertida, caso as circunstâncias o exigirem, a fim de que, no momento da colocação do incenso, o clérigo tenha sempre diante de si o navetário à direita e o turiferário à esquerda.

121. Os deslocamentos do turiferário acompanhado pelo navetário iniciam-se na sacristia e para lá retornam.

122. Ao longo da celebração, sempre que o turiferário e o navetário tenham de aguardar para se aproximarem do ministro no altar, permanecem à esquerda deste último, conservando-se a maior distância, caso o espaço o permita.

Formação inicial na sacristia

123. Durante as orações prévias ao início da Missa:

a) o turiferário e o navetário permanecem à direita do celebrante, porém, mantendo maior distância em relação à formação do que os demais participantes;

b) antes de o celebrante dizer a fórmula "*Procedamus in pace*" (Prossigamos em paz), o turiferário e o navetário tomam posição à frente dele, para a colocação do incenso.



b) Durante a Santa Missa

Cortejo de entrada

124. No cortejo de entrada, o turiferário e o navetário:

- encabeçam as colunas;
- ao chegarem diante do altar, fazem a vênia;
- deslocam-se para a lateral esquerda do altar, conservando, se possível, maior distância e permanecem voltados para ele;
- enquanto aguardam o momento de se aproximarem do altar, o navetário pode pôr mais incenso no turíbulo, se for necessário.

Incensamento do altar

125. Para o incensamento do altar, quando houver diácono, o turiferário e o navetário:

- aproximam-se do celebrante, depois de que oscule o altar;
- o navetário entrega a naveta ao diácono da direita do celebrante e aguarda de mãos postas a colocação do incenso;
- o turiferário apresenta o turíbulo ao celebrante, a fim de que coloque o incenso;
- aguarda a bênção sobre este, entrega o turíbulo (cf. § 116, a) ao mesmo diácono que segurou a naveta, e assume a posição de mãos postas;
- os dois retornam para a lateral onde antes se encontravam;
- terminado o incensamento, somente o turiferário se aproxima do diácono, a fim de retomar o turíbulo;
- ambos fazem a vênia diante do altar e retiram-se para a sacristia.

126. Caso na celebração não haja nenhum diácono, o turiferário e o navetário auxiliam diretamente o celebrante no ato da colocação do incenso, porém, não o acompanham no percurso ao redor do altar.

Incensamento do Evangelho

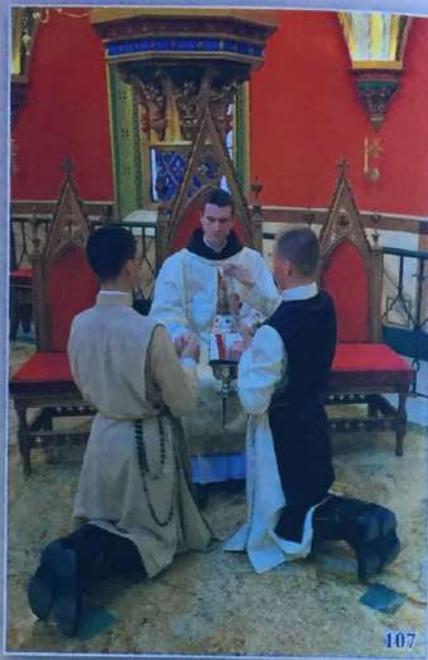
127. Durante a Liturgia da Palavra, no momento mais conveniente, o turiferário e o navetário:

a) dirigem-se em cortejo até o celebrante — o qual aguarda sentado —, de modo a estarem junto a ele no início da aclamação ao Evangelho. Ao passarem diante do altar, fazem a vênia;

b) ajoelham-se, chegando em frente ao celebrante, para a colocação do incenso (*il. 107*);

c) aguardam a bênção, fazem a vênia e se levantam;

d) deslocam-se em coluna — o turiferário à frente — para fazer a vênia diante do altar, formando a ambos os lados de quem proclamará o Evangelho (o turiferário à esquerda e o navetário à direita; (*il. 108*);



107



108

ÀS VEZES, A ALMA PASSA POR UM PROCESSO SEMELHANTE AO DO TURÍBULO: DEVEMOS USAR DE NOSSOS ESFORÇOS, GIRAR E ASSOPRAR PARA QUE A BRASA SE TORNE FOGO, E NÃO SE APAGUE!

MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLA DIAS

Homilia - 4/5/2008



e) após a vênia, avança primeiro o navetário, em curva para a esquerda; quando ele der o segundo passo esquerdo, avança o turiferário e se alinha com o navetário (il. 109);

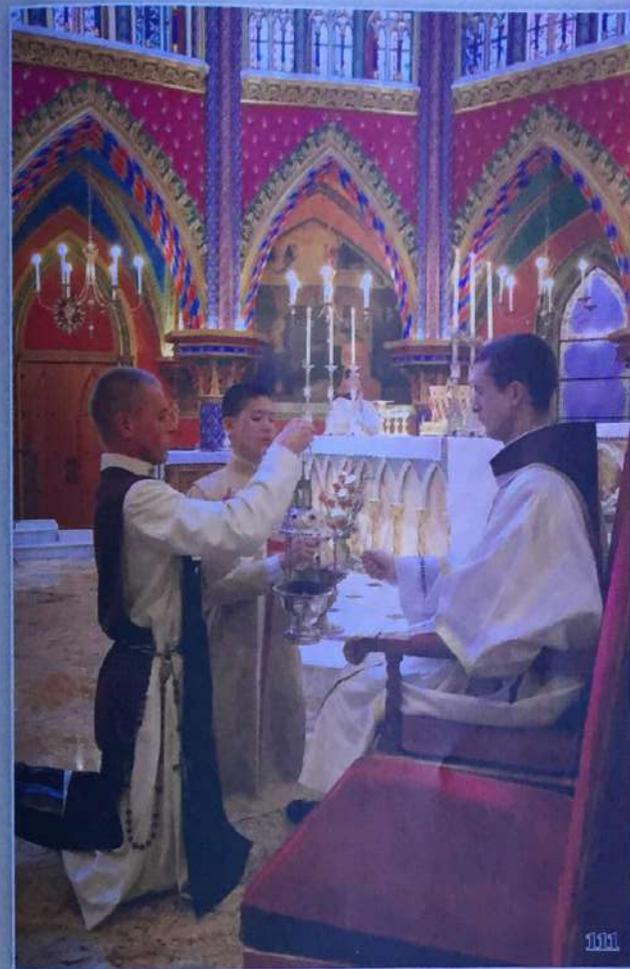
f) os dois encabeçam o cortejo que se dirige ao local da proclamação do Evangelho;

g) chegando aos devidos lugares, perto do ambão, voltam-se na direção do clérigo e permanecem atrás dele, na sua diagonal direita, a certa distância (il. 110);

h) anunciado o Evangelho, o turiferário se aproxima, entrega o turíbulo ao clérigo (cf. § 116, b), aguarda o incensamento para retomar o turíbulo, e forma novamente ao lado do navetário;

i) pronunciada a fórmula final “*Verbum Domini*” (Palavra da Salvação), o turiferário e o navetário retiram-se por uma lateral, na medida do possível, a fim de evitarem passar na frente do altar, nesse momento.

Incensamento das oferendas



128. Quando a preparação do altar não é feita pelo celebrante, o turiferário e o navetário:

a) dirigem-se em cortejo até o celebrante — o qual aguarda sentado —, de modo a estarem junto a ele antes de se levantar para o oferecimento do pão e do vinho; ao passarem diante do altar, fazem a vênia;

b) ajoelham-se, chegando em frente ao celebrante, para a colocação do incenso (il. 111);

- c) aguardam a bênção, fazem a vênia e se levantam;
 d) deslocam-se em coluna — o turiferário à frente — até a lateral esquerda do altar, fazendo a vênia ao passarem diante deste;
 e) aguardam, à distância, o momento de se aproximarem do altar;
 f) o navetário pode pôr, nesse momento, mais incenso no turíbulo, se for necessário;
 g) concluída a Oração sobre as Oferendas, o turiferário avança até o altar, entrega o turíbulo ao diácono da direita do celebrante (cf. § 116, a) e, de mãos postas, retorna ao seu lugar, onde aguarda junto com o navetário.

129. Quando a preparação do altar é feita pelo celebrante, o cortejo do Ofertório se dirige até o altar. A colocação do incenso é feita em pé, após a oração do oferecimento do vinho, e o turiferário entrega o turíbulo ao celebrante (cf. § 116, b).

130. Quando o diácono, ou o *acólito instituído* ritualmente,⁵ estiver concluindo o incensamento da assembleia, o turiferário e o navetário vão ao encontro dele, retomam o turíbulo e, na medida do possível, retiram-se por uma lateral, a fim de evitarem passar em frente do altar, nesse momento.

131. Caso caiba ao turiferário incensar o celebrante, e depois a assembleia, ao receber o turíbulo, procede aos dois incensamentos (ambos com três *ductus* de dois *ictus*; cf. § 117, c-d):

a) ao incensar o celebrante, o turiferário distancia-se dele; havendo inclusive degraus contíguos ao altar, pode descer um deles;

b) depois de incensar a assembleia, pode retirar-se, junto com o navetário, pelo corredor central.

⁵ Sobre o *acólito instituído* ritualmente, ver nota n. 2.



É PRECISO OFERECER INCENSO QUE PARTA DO CORAÇÃO,
E NÃO APENAS DAS BRASAS DO TURÍBULO.

MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLA DIAS

Homilia - 14/7/2008

Incensamento das espécies consagradas

132. Iniciado o *Sanctus*, o turiferário e o navetário:

- entram em cortejo — nessa ocasião, o navetário à direita do turiferário;
- ao chegarem diante do altar, fazem a vênia juntamente com os acólitos (cf. § 75, b; 76, b);
- ajoelham-se perto do altar, deixando um espaço entre eles quando for um diácono (*il. 112*) ou um *acólito instituído* ritualmente,⁶ quem incensará o Santíssimo Sacramento;
- o incenso é posto pelo ministro, assim que se ajoelha, e depois o turiferário lhe entrega o turíbulo (cf. § 116, b).

133. Caso seja o turiferário quem tenha de incensar as espécies consagradas, o navetário coloca o incenso e, na elevação de cada uma das espécies, efetuam-se três *ductus* de três *ictus* (cf. § 117, c- d), nos seguintes momentos:

- um breve instante depois do início do movimento de elevação (cf. *il. 76*);
- quando a elevação estiver prestes a chegar ao seu ponto mais alto (cf. *il. 77*);
- um breve instante depois de começar o movimento de volta e antes que este se conclua (cf. *il. 78*)

⁶ Sobre o *acólito instituído* ritualmente, ver nota n. 2.

Observação: procure-se que seja igual o intervalo de tempo entre um e outro *ductus*.

134. Após a Consagração, às palavras “*Misterium Fidei*” (Eis o Mistério da Fé), o turiferário e o navetário se retiram pelo centro. Ao se levantarem, não fazem a vênia diante do altar, pois aquela que é feita após o incensamento do cálice (cf. § 117, g), e coincide com a genuflexão do celebrante, supre a vênia em pé.

Incensamento da imagem de Nossa Senhora

135. Após a bênção final, o turiferário e o navetário:

- ingressam no local da celebração, se possível por uma lateral, a fim de não passar em frente ao altar;
- aproximam-se do celebrante, tendo iniciado a oração ou o cântico final a Nossa Senhora, e o auxiliam na colocação do incenso, a qual é feita em pé;

Observação: no momento de se aproximarem, tomar o cuidado de não cruzar pelo espaço que há entre o celebrante e o altar. Para isso, se for necessário, pode-se contornar a formação dos clérigos, por trás deles.

- o turiferário entrega o turíbulo (cf. § 116, b), para o incensamento da imagem de Nossa Senhora;
- os dois tomam posição nas extremidades da formação (o turiferário à esquerda e o navetário à direita), e voltam-se para frente;
- terminado o incensamento, o turiferário retoma o turíbulo;
- fazem a vênia para o altar, por trás do celebrante, e unem-se à formação dos acólitos que, portando os castiçais, acompanham a cruz processional.

Cortejo de saída

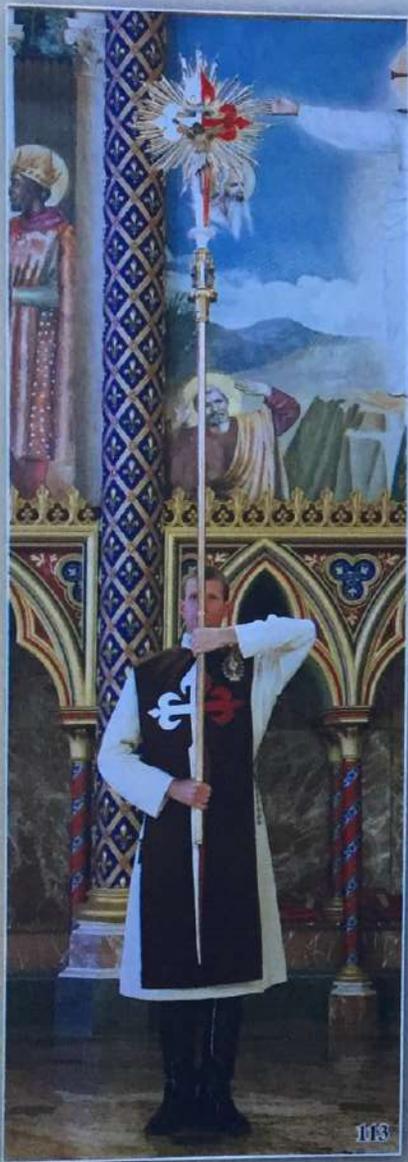
136. O turiferário e o navetário assumem o lugar mais apropriado da formação (cf. *il. 94-95*), antes do cortejo de saída, a fim de estarem à frente deste, quando se iniciar.

137. Chegando à sacristia, tomam posição no mesmo local em que formaram antes da Missa (cf. § 123, a).

CRUCIFERÁRIO,
CEROFERÁRIO,
BACULÍFERO
E MITRÍFERO



CRUCIFERÁRIO, CEROFERÁRIO, BACULÍFERO E MITRÍFERO



a) Cruciferário

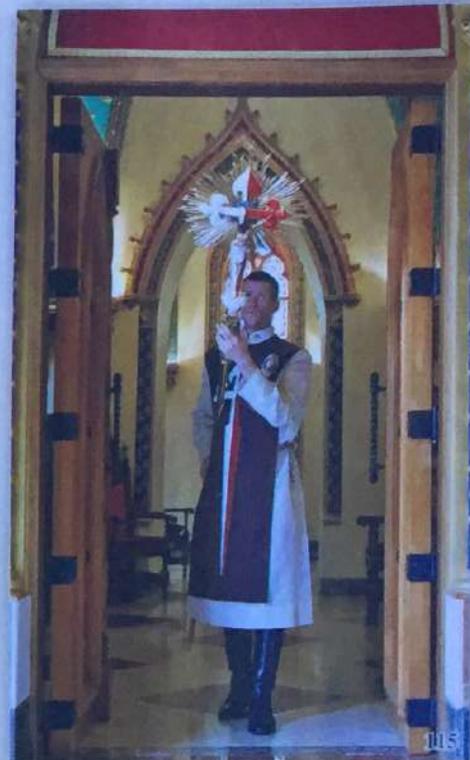
138. O cruciferário porta a cruz processional (*il. 113*). Com a mão direita, à altura da cintura, empunha a parte inferior da haste e a mantém junto ao corpo; o respectivo antebraço conserva-se em posição natural. Com a mão esquerda, à altura do queixo, também empunha a haste, e o respectivo antebraço permanece erguido, paralelo ao chão.

139. Na sacristia, toma posição em frente ao celebrante, guardando dele a distância suficiente para os diáconos e os acólitos completarem as laterais da formação (*cf. § 40*).

140. Antes de se iniciar a oração prévia à Missa, pode pousar a haste da cruz processional no chão, empunhando-a com a mão direita e segurando com a outra mão o antebraço direito (*il. 114*).

141. Para iniciar o cortejo de entrada, aguarda a vênia que o celebrante faz ao crucifixo.

142. Nos cortejos de entrada e de saída, avança no centro das colunas, atrás do turiferário e do navetário (*cf. § 44*) ou, não havendo incenso, encabeça-os.



143. Quando for necessário inclinar a cruz para frente, a fim de passar por portas ou sob lustres, desloca a mão esquerda em direção ao crucifixo (*il. 115*), para facilitar o movimento.

144. Depois da fórmula de despedida “*Ite, missa est*” (*Ide em paz...*), o cruciferário:

a) comparece ao local da celebração, se possível, por uma entrada lateral;

b) espera o cântico final a Nossa Senhora para deslocar-se, acompanhado pelos que portam os castiçais, ao lugar de onde iniciará o cortejo de saída; enquanto aguarda, pode apoiar a haste da cruz no chão, do mesmo modo indicado anteriormente (*cf. § 140*);

c) havendo incensamento da imagem de Nossa Senhora, espera o término do mesmo para começar a movimentação;

d) chegando ao lugar onde aguarda o cortejo de saída, volta-se na direção do altar e assume o lugar que lhe permita estar atrás do turiferário e do navetário, quando se iniciar o deslocamento em direção à sacristia.

145. Na sacristia, assume o mesmo lugar no qual formou antes do cortejo de entrada (cf. § 139).



b) Ceroferário

146. Em celebrações de maior solenidade, tanto o cortejo de entrada quanto o de saída podem contar com ceroferários (portadores de velas em castiçal), designados especificamente para completarem o número de quatro ou seis castiçais que acompanham a cruz processional (*il. 116*).

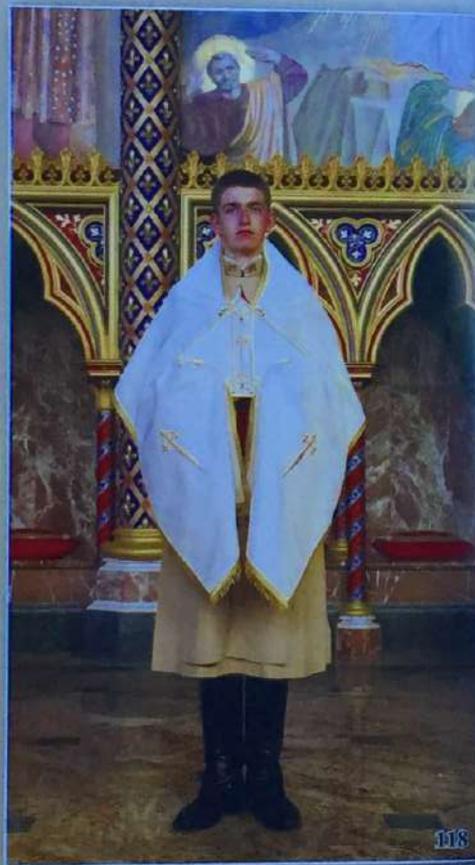
147. Se a Missa for presidida pelo Bispo diocesano, os ceroferários podem ser sete, já que o sétimo castiçal — o qual será colocado no centro do altar, durante a celebração —, é símbolo da presença do pastor.

148. No cortejo de entrada, não se detêm para a vênia, por estarem acompanhando a cruz processional, mas dirigem-se diretamente ao altar, para colocar os castiçais.

149. Na formação final, prévia ao cortejo de saída, seguem o mesmo procedimento do terceiro e do quarto acólitos (cf. § 105, a-c).



c) Baculífero e mitrífero



150. Na Eucaristia celebrada por um Bispo, designam-se dois auxiliares, chamados baculífero e mitrífero, para portarem respectivamente o báculo e a mitra, nos momentos em que não estiverem sendo usados.

151. Vestem a vimpa,⁷ a fim de não tocarem diretamente nas insígnias do Bispo, pois são símbolo do poder e do ministério episcopais.

152. Quando o baculífero porta o báculo (*il. 117*), empunha-o com ambas as mãos cobertas pela vimpa, a direita quase à altura do peito e a esquerda pouco abaixo. A curva da parte superior do báculo permanece voltada para o baculífero.

153. Quando o mitrífero porta a mitra (*il. 118*), com ambas as mãos cobertas pela vimpa, segura-a pelas laterais, fechada, perpendicular ao chão e pouco abaixo do peito.

154. O baculífero e o mitrífero fazem as mesmas vênias que os acólitos (cf. § 19-23).

Observação: na falta de cerimoniário para entregar e receber o báculo (cf. § 158), se o baculífero tiver de entregar a insígnia diretamente ao Bispo, não faz a vênia ao aproximar-se dele, mas somente para se retirar.

155. No cortejo de entrada, ambos não fazem a genuflexão como os demais — quando houver sacrário com reserva do Santíssimo Sacramento —, mas fazem a vênia, por estarem portando as insígnias. No cortejo de saída, fazem a genuflexão, já que, nesse momento, estão de mãos livres.

156. Durante os cortejos de entrada e de saída:

a) permanecem atrás do Bispo, o baculífero à sua direita e o mitrífero à esquerda;

⁷ A vimpa é um manto muito similar ao véu umeral, porém mais estreito. Ela acompanha a cor litúrgica dos paramentos do Bispo, na celebração.

b) quando o Bispo tem outro objeto em mãos, como uma vela ou um ramo bento, o baculífero porta o báculo à frente do Bispo,⁸ e o mitrífero permanece atrás deste, à sua esquerda.

157. Durante qualquer deslocamento do Bispo, dentro da celebração, se o espaço a percorrer for muito curto, é optativo o uso do báculo e da mitra. Portanto, sendo necessário, o baculífero e o mitrífero os portam.

158. As insígnias episcopais se recebem e se entregam através do cerimoniário. Para isso, tanto o baculífero quanto o mitrífero aproximam-se dele, nos momentos indicados (cf. § 159-160).

159. O manejo do báculo, por parte do baculífero, dá-se habitualmente nos seguintes momentos:

a) recebe-o antes de o Bispo subir os degraus ou fazer a reverência inicial, no cortejo de entrada;

b) entrega-o na proclamação do Evangelho, depois de o Bispo se persignar;

c) caso não haja cerimoniário, o baculífero segura o báculo, enquanto o Bispo dá a bênção com o livro do Evangelho, após a proclamação do mesmo;

d) entrega-o para a homilia, ou permanece com ele, se não for utilizado pelo Bispo durante a mesma;

e) recebe-o na Profissão de Fé ou, se não houver, antes de o Bispo se sentar, no começo do Ofertório;

f) entrega-o para a bênção final, antes das palavras "*Benedicat vos omnipotens Deus...*" (Abençoe-vos Deus todo-poderoso...).

160. O manejo da mitra, por parte do mitrífero, dá-se habitualmente nos seguintes momentos:

a) recebe-a antes de o Bispo subir os degraus ou fazer a reverência inicial, no cortejo de entrada;

b) entrega-a na Liturgia da Palavra;

c) recebe-a na aclamação ao Evangelho;

⁸ Cf. *Cerimonial dos Bispos*, n. 1101.

d) entrega-a para a homilia, caso o Bispo a utilize durante a mesma;

e) recebe-a na Profissão de Fé, caso houver;

f) entrega-a quando o Bispo se sentar, no início do Ofertório;

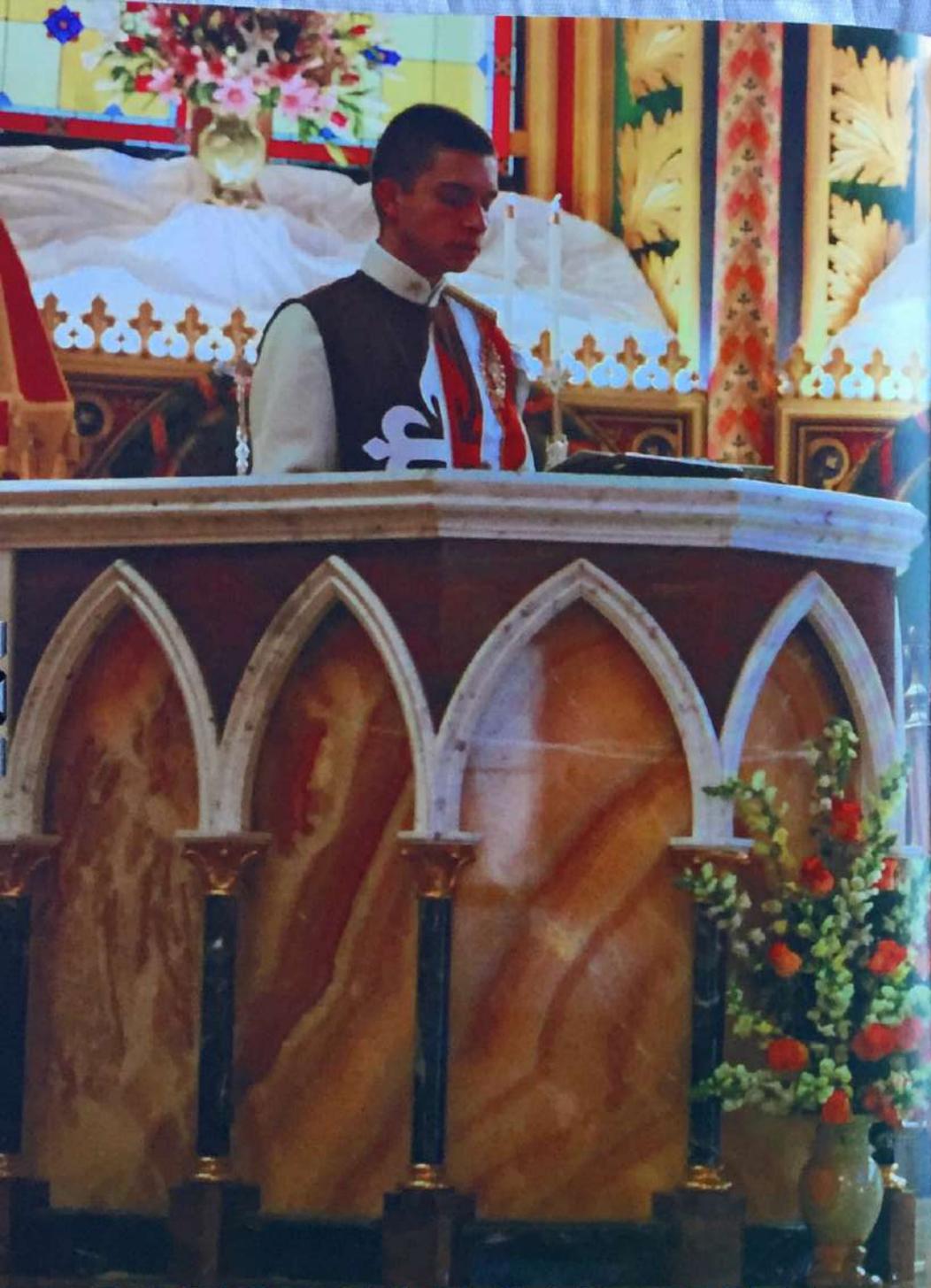
g) recebe-a antes de o Bispo se levantar da sede e ir até o altar, para o oferecimento do pão e do vinho;

Observação: caso esse percurso seja relativamente longo, o Bispo pode optar por fazê-lo de mitra, retirando-a somente quando chegar ao altar;

h) entrega-a para a bênção, terminada a Oração depois da Comunhão.

161. Nos momentos em que o baculífero e o mitrífero não estejam portando as insígnias do Bispo, permanecem de mãos postas.





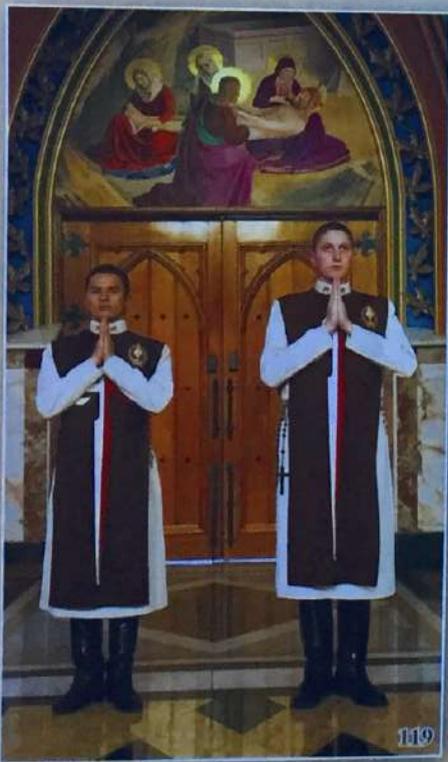
LEITORES E SALMISTA

LEITORES E SALMISTA

a) Preparação prévia

162. Para Liturgia da Palavra, podem ser designados leigos que proclamem as leituras — exceto o Evangelho —, mesmo que não sejam instituídos no ministério do leitorado, mas se mostrem “*realmente aptos para o desempenho desta função e se tenham cuidadosamente preparado*”.⁹

163. O salmista recita o salmo — ou o cântico bíblico — entre as leituras, e também aclama o Evangelho. “*Para desempenhar bem a sua função, é necessário que seja competente na arte de salmodiar e dotado de pronúncia correta e dicção perfeita*”.¹⁰



b) Desempenho da função

164. Antes da Oração do Dia, formam alinhados (o leitor à direita e o salmista à esquerda, *il. 119*), de mãos postas, no lugar de onde partirá o cortejo até o ambão ou a estante.

165. No caso de haver dois leitores, aquele que faz a primeira leitura forma na extremidade direita, e o salmista entre os dois.

166. Terminada a Oração do Dia, dirigem-se até a frente do altar, fazem a vênia, repetem-na, em seguida, voltados para o celebrante, e recebem a sua bênção (*il. 120*).

⁹ Instrução Geral do Missal Romano, n. 101.

¹⁰ *Idem*, n. 102.

167. Chegando ao local onde desempenham a função, quem tenha de aguardar pode sentar-se.

168. Ao iniciar a leitura ou o cântico, as mãos deixam de estar postas e podem ser apoiadas sobre o livro ou, conforme o caso, seguram-no.

169. Onde não haja ambão, pode-se segurar o livro de dois modos:

a) apoiado em ambas as mãos espalmadas, caso o seu tamanho o permita, prendendo-o com os polegares;

b) sustentado pelo dorso com mão esquerda e pela lateral com a mão direita.

170. O leitor volta a estar de mãos postas a partir da fórmula “*Verbum Domini*” (Palavra do Senhor), e o salmista no momento de retirar-se.

171. Quando algum dos dois for se retirar, na medida do possível, evite passar novamente em frente ao altar. Para isso, havendo saídas laterais, faça uso da mais próxima.





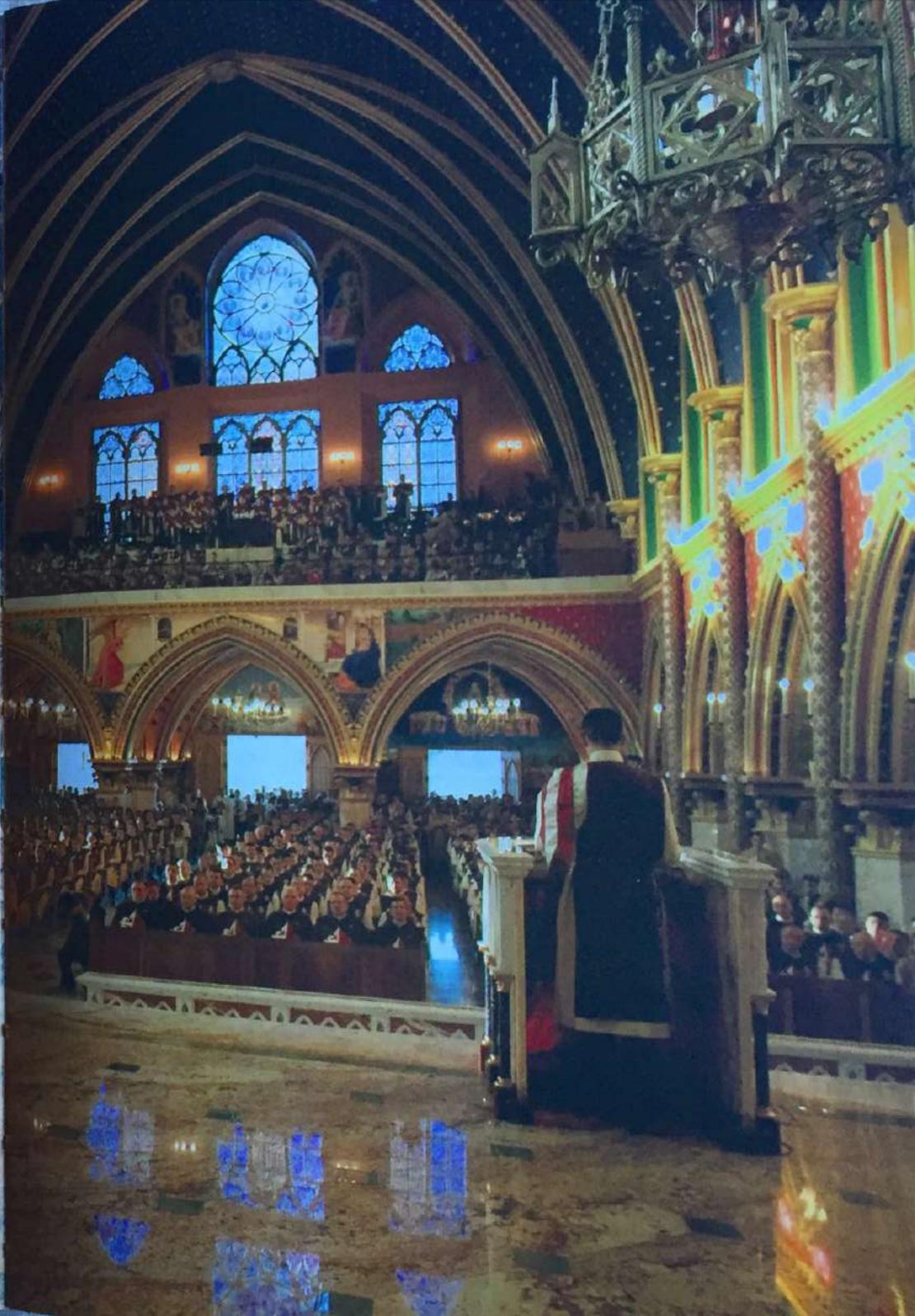
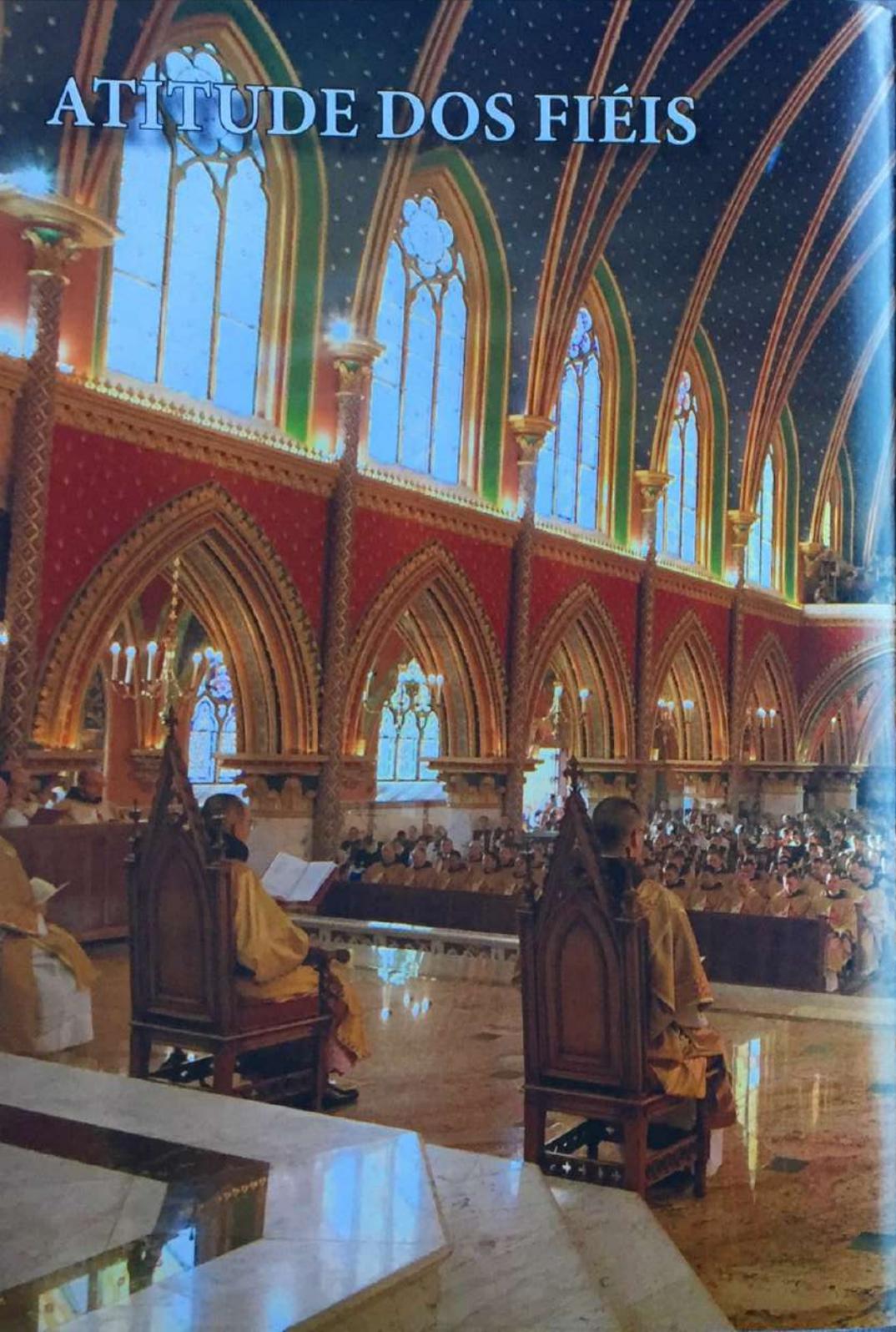
VINTE E QUATRO HORAS ANTES DA SANTA MISSA,
O LEITOR DEVE PREPARAR A LEITURA QUE VAI PROCLAMAR,
PENETRANDO NO ÂMAGO DELA,
A FIM DE LER DE ACORDO COM O QUE ENTENDEU.
DO CONTRÁRIO, FARÁ UMA LEITURA ININTELIGÍVEL...

MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLA DIAS

22/11/2005



ATTITUDE DOS FIÉIS



ATTITUDE DOS FIEIS

172. Na celebração da Eucaristia, os fiéis sejam conscientes de se encontrarem, de modo especial, na presença de Deus. Assumam, portanto, uma verdadeira “atitude eucarística”,¹¹ a fim de haurirem mais abundantes graças e colherem frutos duradouros do Santo Sacrifício. Assim, para auxiliar a conservação do espírito de oração próprio ao momento, observem-se as seguintes normas.

a) Preparação

173. Guardar o jejum prescrito pela Igreja: “*Quem vai receber a Santíssima Eucaristia, abstenha-se, pelo espaço de ao menos uma hora antes da sagrada Comunhão, de qualquer comida ou bebida, exceto água ou remédios*”.¹²

174. Comparecer com alguns minutos de antecedência ao lugar da celebração.

b) Silêncio

175. Durante a Missa, bem como antes e depois dela, observar o silêncio e o recolhimento próprios ao recinto sagrado, bem como às suas cercanias, por respeito ao Santíssimo Sacramento e aos que ali se encontram em oração. Especialmente no coro, deve-se guardar o silêncio.¹³

c) Participação

176. Por respeito à celebração eucarística, estar presente desde o início do cortejo de entrada e não se retirar, em nenhum

¹¹ Cf. *Ecclesia de Eucharistia*, n. 49; 58.

¹² *Código de Direito Canônico*, c. 919 § 1.

¹³ Cabe salientar que, desde os primeiros séculos da Igreja, exortou-se aos que cantam no coro a observar o silêncio próprio ao culto. Nesse sentido, encontram-se antigas inscrições afixadas em coros, as quais advertiam: “*Hic est chorus*”; “*psalle et sile*”; “*qui loquitur in choro, cur dicit, Deum adoro*?” “*Qui in choro fatur, cum diabolo fabulatur*” (aqui é o coro; canta e silencia; quem fala no coro, por que diz que adora a Deus? Quem no coro fala, com o diabo confabula).



DENTRO DA IGREJA SE REZA.
NÃO PODEMOS TRANSFORMÁ-LA EM LUGAR DE CONVERSAS.
QUEM ENTRA NELA, TEM DE REZAR.

MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLÁ DIAS

27/12/2003

momento, antes do término do cortejo de saída, pois ambas as partes da Missa (Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística) constituem um só ato de culto.¹⁴

177. A participação na Missa, “centro e fonte da piedade cristã”,¹⁵ é o mais elevado e eficaz ato de culto que o fiel, em união com a Igreja, pode prestar a Deus. Por isso, é impróprio utilizar esse momento para considerar outros assuntos ou mesmo para rezar orações particulares.

178. Nas orações da Missa recitadas em voz alta, respeitar a cadência das pausas próprias ao fraseado, a fim de conservar a uniformidade do ritmo em relação ao conjunto dos fiéis.

d) Gestos

179. “A atitude corporal (gestos, vestes) há de traduzir o respeito, a solenidade, a alegria desse momento em que Cristo se torna nosso hóspede”.¹⁶ Portanto, dentro do recinto sagrado não cabem atitudes como correr, provocar o riso, encostar-se em colunas e paredes ou cruzar os braços durante os augustos momentos da celebração. Ao estar sentado, assumir sempre uma atitude digna.

180. “Todos aqueles que entram na igreja nunca devem omitir a adoração ao Santíssimo Sacramento: seja dirigindo-se à capela do Santíssimo, seja fazendo pelo menos genuflexão. Fazem igualmente genuflexão todos os que passam diante do Santíssimo Sacramento”,¹⁷ “quer exposto, quer guardado no sacrário”.¹⁸ No primeiro caso, a genuflexão é feita com os dois joelhos, no segundo, com um só.

181. Ao traçar algum dos sinais da cruz que são feitos em conjunto, seguir a cadência da fórmula e o gesto do ministro.

¹⁴ Instrução Geral do Missal Romano, n. 8.

¹⁵ PIO XII, *Mediator Dei*, n. 8.

¹⁶ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1387.

¹⁷ *Cerimonial dos Bispos*, n. 71.

¹⁸ *Idem*, n. 69.

182. Os que estejam presentes no local da celebração — inclusive durante os cortejos de entrada e saída —, por mais que dela não participem, acompanhem os gestos de estar de pé e ajoelhar, em atitude de respeito, conforme indicados a seguir.

Estar de pé

183. A assembleia está de pé:

- a) desde o início do cortejo de entrada até a Oração do Dia;
- b) na aclamação e na proclamação do Evangelho;
- c) na Profissão de Fé;
- d) durante a Oração dos Fiéis;
- e) quando a assembleia for incensada ou, não havendo incenso, a partir do convite “*Orate fratres...*” (Orai irmãos...), até o fim da celebração, excetuados os momentos de se ajoelhar;
- f) aqueles que, por motivos de saúde ou outros razoáveis, não puderem se ajoelhar depois do *Sanctus* (cf. § 190, a), permaneçam de pé — sem impedir a visibilidade dos demais —, e façam a vênica de 45 graus quando o celebrante genuflectir, após a Consagração de cada uma das espécies.

Estar de mãos postas

184. A assembleia deve estar de mãos postas:

- a) durante o Credo;
- b) para receber a Comunhão;
- c) para receber a bênção do celebrante e durante a fórmula de despedida “*Ite, missa est*” (Ide em paz...);
- d) onde existir o costume, durante alguma oração rezada por todos, posterior à Missa.

Fazer o sinal da cruz

185. A assembleia faz o sinal da cruz:

- a) na invocação dos Ritos Iniciais “*In nomine Patris...*” (Em nome do Pai...);

- b) ao receber a aspensão de água benta, onde for o costume fazê-la em substituição do ato penitencial (*Confiteor*);
- c) quando for anunciado o Evangelho — nesse momento, a assembleia se persigna na frente, na boca e no centro do peito;
- d) na bênção com o livro do Evangelho, depois da sua proclamação, dada pelo celebrante se é Bispo;
- e) na bênção final da Missa.

Fazer a vênia

186. A assembleia faz a vênia:

(de 45 graus)

- a) ao pronunciar o nome de Jesus, no *Gloria*, *Credo* e *Salve Regina*; nesta última somente quando for cantada;
- b) durante o artigo do *Credo* referente à Encarnação do Verbo;
Observação: na festa da Anunciação ou na solenidade do Natal do Senhor, ao pronunciar o mencionado artigo do *Credo*, ajoelha-se;
- c) para responder à vênia de quem incensou a assembleia — quando houver incenso;
(de 30 graus)
- d) no cântico do *Gloria*, durante a frase “*suscipe deprecationem nostram*” (acolhei a nossa súplica);
- e) ao pronunciar o nome de Maria, no cântico da *Salve Regina*.

Bater no peito

187. A assembleia bate no peito, com a mão direita fechada em punho, apenas afastando-a do peito no instante prévio às sílabas destacadas a seguir:

- a) durante o ato penitencial (*Confiteor*), na frase “*mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa...*” (por minha culpa, minha tão grande culpa...);
- b) antes da Comunhão, na frase “*Domine, non sum dignus...*” (Senhor, eu não sou digno...);

Observação: nesses dois momentos, o braço direito volta à posição inicial, na frase seguinte àquela em que se dá a última batida.

Conservar a imobilidade

188. A assembleia conserva a imobilidade, como um ato de reverência às súplicas elevadas pelo celebrante em nome de toda a Igreja:

- a) na Oração do Dia;
- b) na Oração sobre as Oferendas;
- c) na Oração depois da Comunhão.

Sentar-se

189. A assembleia se senta:

- a) após os clérigos, para participar da Liturgia da Palavra, até o momento da aclamação ao Evangelho;
- b) para ouvir a homilia, após a indicação do pregador;
- c) durante o Ofertório.

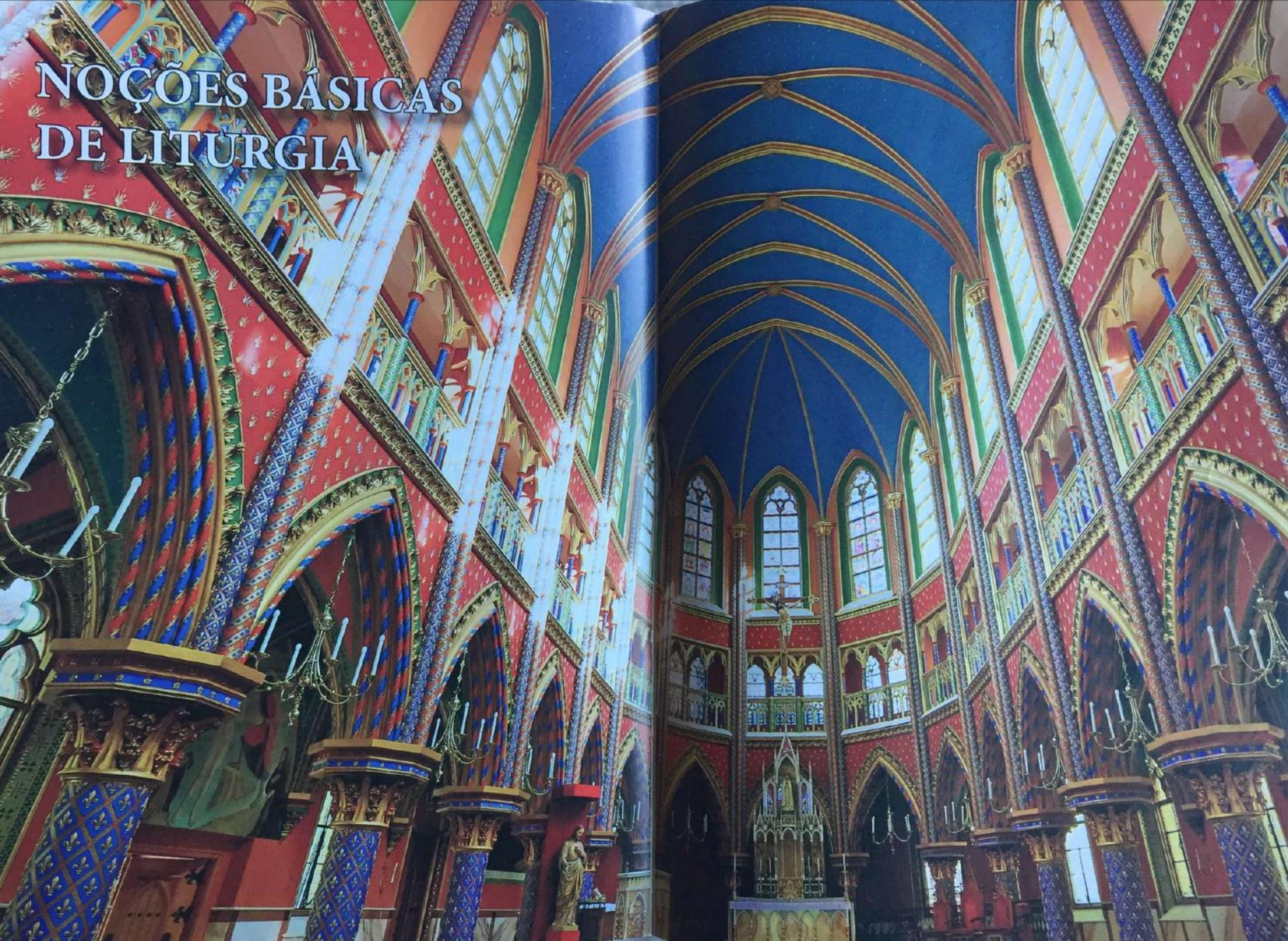
Ajoelhar-se

190. A assembleia se ajoelha:¹⁹

- a) depois do *Sanctus*, permanecendo nessa atitude até responder “*amen*” (amém), no término da Oração Eucarística;
- b) onde o número de fiéis e as circunstâncias de espaço o permitirem, é louvável ajoelhar-se quando o celebrante apresenta o Santíssimo Sacramento, antes da Comunhão, pronunciando as palavras “*Ecce Agnus Dei...*” (Eis o Cordeiro de Deus...);
- c) para receber a Comunhão;
- d) onde existir o costume, durante a ação de graças até a fórmula de despedida “*Ite, missa est*” (Ide em paz...).

¹⁹ Cf. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 43; 160.

NOÇÕES BÁSICAS DE LITURGIA



PARAMENTOS E OBJETOS LITÚRGICOS

a) Vestes

191. Amicto (*il. 121*): tecido branco, com duas fitas compridas, que envolve o pescoço dos ministros eclesiásticos (quando não portam o hábito com capuz), antes de revestirem a alva.

192. Alva (*il. 122*): túnica talar de cor branca, que reveste os ministros eclesiásticos durante a celebração litúrgica.

193. Roquete (*il. 123*) e sobrepeliz: duas espécies de alvas não talaras, portanto, mais curtas, usadas pelos ministros em certas ações litúrgicas. Diferenciam-se entre si porque o roquete possui mangas cumpridas, e a sobrepeliz não.

194. Cíngulo (*il. 124*): cordão que ajusta a alva à cintura. Pode ser branco, ou da mesma cor da casula ou da dalmática.

195. Estola (*il. 125*): faixa de tecido cumprida e estreita, utilizada pelos clérigos. O sacerdote a põe sobre os ombros, pendente à frente; o diácono a utiliza apenas sobre o ombro esquerdo, cruzando-lhe o peito e com as extremidades da estola unidas ao lado direito, sob o braço; a estola acompanha a mesma cor litúrgica usada nos outros paramentos.

196. Dalmática (*il. 126*): paramento usado pelo diácono sobre a alva e a estola, da cor litúrgica própria ao tempo ou à comemoração do dia.

197. Casula (*cf. il. 129-136*): paramento usado pelo sacerdote sobre a alva e a estola, da cor litúrgica própria ao tempo ou à comemoração do dia.

198. Pluvial ou capa de asperges (*il. 127*): paramento longo, aberto na parte da frente, que reveste o ministro consagrado durante certas procissões ou funções litúrgicas.

199. Véu umeral (*il. 128*): manto que, colocado sobre os ombros e parte das costas, é destinado a cobrir as mãos do ministro, durante a bênção ou a procissão com o Santíssimo Sacramento.



121



122



123



124



125



126



127



128

b) Cores

200. O uso das cores próprias ao tempo litúrgico ou à comemoração do dia, segue habitualmente estes parâmetros:

a) dourado (*il. 129*): para solenidades e dias festivos, ou em substituição do branco, do vermelho ou do verde.

b) branco (*il. 130*): durante o Tempo Pascal e o Tempo do Natal; nas solenidades do Senhor (exceto Domingo de Ramos, Paixão e Exaltação da Santa Cruz); nas festas e memórias da dedicação de uma igreja; nas festas e memórias de Nossa Senhora, dos Santos (exceto dos mártires) e dos Anjos; o branco também pode substituir outras cores, caso seja necessário.

c) verde (*il. 131*): durante o Tempo Comum;

d) vermelho (*il. 132*): para o Domingo de Ramos, a Sexta-Feira Santa, o Domingo de Pentecostes, a festa da Exaltação da Santa Cruz, festas e memórias dos mártires;

e) roxo (*il. 133*): durante o Advento, a Quaresma e nas Missas de fiéis defuntos;

f) rosa (*il. 134*): para o terceiro domingo do Advento (*Gaudete*), e o quarto domingo da Quaresma (*Lætare*);

g) azul (*il. 135*): onde existir o costume, pode ser usado para as festas ou memórias de Nossa Senhora;

h) preto (*il. 136*): pode ser usado para a Missa de fiéis defuntos.



129



130



131



132



133



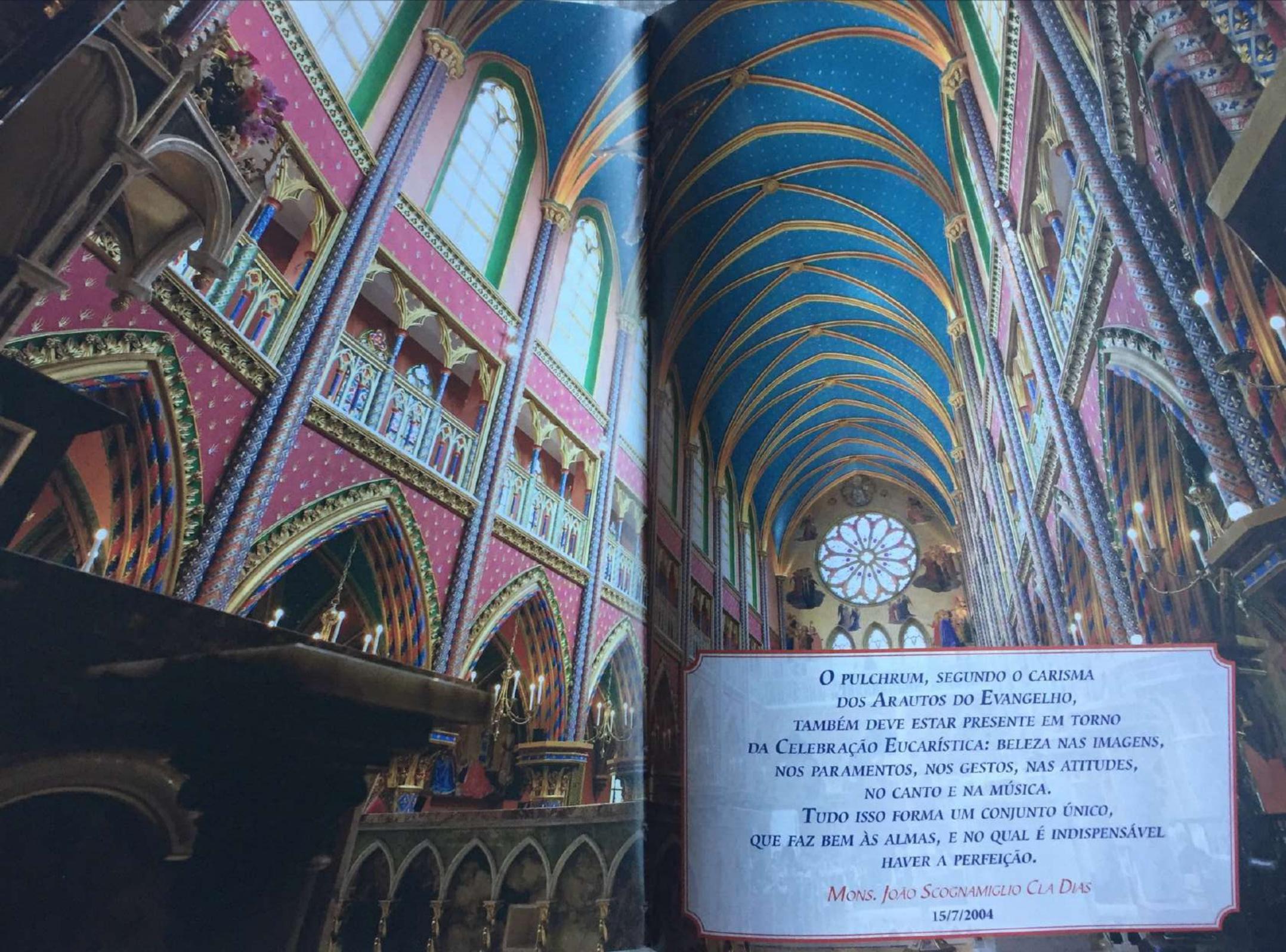
134



135



136



O PULCHRUM, SEGUNDO O CARISMA
DOS ARAUTOS DO EVANGELHO,
TAMBÉM DEVE ESTAR PRESENTE EM TORNO
DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA: BELEZA NAS IMAGENS,
NOS PARAMENTOS, NOS GESTOS, NAS ATITUDES,
NO CANTO E NA MÚSICA.
TUDO ISSO FORMA UM CONJUNTO ÚNICO,
QUE FAZ BEM ÀS ALMAS, E NO QUAL É INDISPENSÁVEL
HAVER A PERFEIÇÃO.

Mons. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLA DIAS

15/7/2004

c) Insígnias episcopais



201. Solidéu (il. 137): cobertura arredondada própria para cobrir o alto da cabeça, utilizada pelo Bispo.

202. Anel episcopal (il. 138): aro de metal ornado usado pelo Bispo, no dedo anular da mão direita.

203. Cruz peitoral (il. 139): cruz de metal que o Bispo usa ao peito, pendurada em uma corrente ou cordão.

204. Mitra (il. 140): cobertura para a cabeça, utilizada pelo Bispo, alta, de forma cônica, com uma abertura na parte superior, e duas fitas chamadas ínfulas, que pendem sobre as costas.

205. Báculo (il. 141): bastão alto com a extremidade superior arqueada, símbolo do ofício de pastor dos fiéis.





d) Objetos litúrgicos e alfaias

- 206.** Missal (*il. 142*): livro que contém o conjunto das orações realizadas pelo sacerdote na Missa.
- 207.** Atril (*il. 143*): estante reclinável, que é posta sobre o altar, para a servir de suporte ao missal.
- 208.** Cálice (*il. 144*): taça de metal, ornada e apta para conter o vinho que se transubstanciará no preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.
- 209.** Ostensório ou custódia (*il. 145*): receptáculo de metal ornado, de formato apto e digno para conter e ostentar a Hóstia consagrada, durante a procissão ou exposição solene do Santíssimo Sacramento.
- 210.** Teca (*il. 146*): vaso circular, provido tampa e apropriado para conter a espécie do pão consagrado, a fim de ser trasladado com facilidade, quando se leva a Comunhão aos doentes.
- 211.** Cibório (*il. 147*): vaso de metal, com tampa e mais convexo que o cálice, usado para conter as hóstias.
- 212.** Lavabo (*il. 148*): conjunto de uma bacia e uma jarra, utilizado pelo sacerdote para lavar as mãos, durante a celebração.
- 213.** Caldeira (*il. 149*): recipiente próprio para conter a água benta que se destina a ser aspergida com o hissopo ou aspersório sobre os fiéis.



- 214.** Vasos ou recipientes dos Santos Oleos (*il. 150*): vasos de metal próprios para guardar os Santos Óleos, dos Catecúmenos, do Crisma e dos Enfermos.
- 215.** Galhetas (*il. 151*): recipientes de vidro ou metal, providos de alça e tampa, aptos para conter o vinho e a água que serão vertidos no cálice.
- 216.** Purificador (*il. 152*): recipiente de vidro que, contendo água, é utilizado pelos ministros para purificar os dedos.
- 217.** Patena da Comunhão (*il. 153*): bandeja metálica e apta para ser utilizada junto aos ministros, no momento da distribuição da Comunhão, a fim de recolher qualquer partícula que possa vir a cair.
- 218.** Patena do cálice (*il. 154*): bandeja metálica e circular, sobre a qual se coloca a hóstia magna.
- 219.** Pala (*il. 155*): cobertura quadrangular e sólida, revestida de tecido e ornada, que serve para cobrir o cálice depois de colocado o vinho.
- 220.** Manustérgio (*il. 156*): tecido com uma cruz bordada na extremidade inferior, utilizado pelo ministro para enxugar as mãos, após o uso do lavabo.
- 221.** Hissopo ou aspersório (*il. 157*): pequena haste que na extremidade tem uma esfera provida de orifícios, própria para aspergir água benta.

- 222.** Colher (*il. 158*): utensílio utilizado para recolher algumas gotas de água da galheta, a fim de serem colocadas no cálice de vinho.
- 223.** Corporal (*il. 159*): tecido branco, amplo e quadrangular, com uma cruz bordada num dos lados, que é estendido sobre o altar, a fim de serem postos sobre ele os vasos que contêm as espécies eucarísticas.
- 224.** Sanguíneo (*il. 160*): tecido branco, com uma cruz bordada no centro, mais estreito que o corporal, utilizado para auxiliar o ministro na Comunhão do preciosíssimo Sangue e na purificação do cálice.
- 225.** Lúnula (*il. 161*): utensílio de metal, em forma de lua crescente, utilizado para sustentar a hóstia magna dentro do ostensório.
- 226.** Turíbulo: esfera de metal, própria para incensar, suspensa por quatro correntes e composta de duas partes separáveis entre si. A de cima, chamada opérculo, pode ser levantada ou abaixada por uma única corrente central. A de baixo, chamada incensório, é presa pelas outras três correntes, e serve para conter as brasas sobre as quais se põe o incenso.
- 227.** Naveta: recipiente de metal, provido tampa, que imita a forma de um navio, próprio para conter o incenso destinado ao turíbulo.
- 228.** Pálio: dossel ornado e portátil, sustentado por varas compridas, a fim de ser sustentado por cima do ministro que porta o ostensório, durante as procissões com o Santíssimo Sacramento.
- 229.** Umbela: espécie de pálio menor, sustentado apenas por uma vara central, e utilizado em procissões com o Santíssimo Sacramento, dentro do recinto da igreja.
- 230.** Sacrário: cofre de material sólido, digno e ornado, onde se reserva o Santíssimo Sacramento.

e) Tempos

- 231.** Advento: tempo que abre o Ano Litúrgico, composto por quatro semanas. Tem início no domingo mais próximo à festa de Santo André (30 de novembro) e perdura até as vésperas do Natal do Senhor, preparando os fiéis, num clima de penitência permeada de esperança, para a solenidade do Natal. A cor litúrgica própria ao tempo é o roxo.
- 232.** Tempo do Natal: inicia nas vésperas da solenidade do Natal do Senhor, e se estende até o Batismo do Senhor (domingo após a Epifania). A cor litúrgica é o branco.
- 233.** Tempo Comum: é o mais extenso dos tempos litúrgicos. A cor própria é o verde, em sinal da esperança. Abrange 33 ou 34 domingos, divididos em dois períodos:
- a) o primeiro se inicia após a celebração do Batismo do Senhor e se estende até a Quarta-Feira de Cinzas, exclusive;
 - b) o segundo se inicia após a celebração de Pentecostes e termina no começo do Advento.
- 234.** Quaresma: tempo que começa com a Quarta-Feira de Cinzas, prologando-se até a Missa da “Ceia do Senhor”, na Quinta-Feria Santa, exclusive. Prepara os fiéis para adentrarem com a devida piedade no Tríduo Pascal e, por isso, a Liturgia se reveste de caráter penitencial. A cor litúrgica própria ao tempo é o roxo.
- 235.** Tríduo Pascal: “começa na Missa vespertina da Ceia do Senhor, alcança o seu centro na Vigília Pascal e termina com as vésperas do Domingo de Páscoa”.²⁰ Nesses três dias (quinta, sexta e sábado), a Igreja faz memória do mistério da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor, ápice do Ano Litúrgico.
- 236.** Tempo da Páscoa: inicia no Domingo da Ressurreição, e se prolonga durante cinquenta dias, como sendo um dia único, até a celebração de Pentecostes. Em sinal de exultação, utilizam-se paramentos brancos ou dourados.

²⁰ Normas Universais do Ano Litúrgico e do Novo Calendário Romano Geral, n. 19.

f) Lugares

237. Altar: mesa consagrada ao culto. Pode ser fixa ou móvel, de pedra ou de outro material digno e sólido. Durante a celebração do Santo Sacrifício da Missa, sobre o altar deve ser posta uma toalha branca.

238. Credência: mesa de madeira ou de outro material digno, apta para dispor os objetos necessários na celebração, bem como para proceder à purificação dos vasos sagrados, após a Comunhão.

239. Sede: assento do celebrante.

240. Ambão: lugar onde se proclamam as leituras da Missa, faz-se a homilia e a Oração dos Fiéis.

241. Nave: parte mais ampla da Igreja. É o lugar da assembleia.

242. Presbitério: lugar reservado aos ministros, mais elevado do que a nave. Nele se encontram o altar, a sede, o ambão, por vezes, o sacrário, os lugares dos concelebrantes e a credência.





*EU SONHO COM TER UM SEMINÁRIO, PARA
FORMAR OS QUE DEVEM SER ORDENADOS
E IRÃO SERVIR PELO MUNDO INTEIRO.*

MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLA DIAS

31/3/2001



*TENHO IMPLORADO MUITÍSSIMO PARA PODERMOS
CONSTRUIR A NOSSA IGREJA, O QUANTO ANTES.
GRANDIOSA, MAJESTOSA, TODA FEITA DE ACORDO COM
O NOSSO CARISMA, NA LINHA DA BELEZA E DA SACRALIDADE.
PODERÁ SER UMA IGREJA EM LOUVOR A
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.*

*EU SONHO COMO ELA SERIA: O TAMANHO, A ALTURA,
O LOCAL ONDE PODERIA SER CONSTRUÍDA, AS TORRES...*

MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLA DIAS

31/3/2001

